

SEMANA DA ***NEGRITUDE***

TEXTOS | ESTUDOS BÍBLICOS 2016



ORGANIZAÇÃO

Luciana Petersen

Paloma Santos

Esse conteúdo foi originalmente produzido para a Semana da Negritude de 2016 do Projeto Redomas, que ocorreu entre os dias 16 e 20 de novembro em virtude do Dia da Consciência Negra.

www.projetoedomas.wordpress.com

[@projetoedomas](https://www.instagram.com/projetoredomas)

[fb.com/projetoredomas](https://www.facebook.com/projetoredomas)

projetoedomas@gmail.com

TEXTOS E ESTUDOS

BÍBLICOS

Zainne Lima

Helen Caetano

Emily Monteiro

Luciana Petersen

Trilia Newbell

Paloma Santos

TRADUÇÕES

Paloma Santos

TRANSCRIÇÃO

Luciana Petersen

PROJETO GRÁFICO

Bianca Rati

SUMÁRIO

TEXTOS E TRADUÇÕES

Flauta pra Sabá	09
Preta Flora na negra mesa do Senhor	12
O lamento de uma mulher negra reformada	22
Quando eu descobri que sou negra	26
Porque você não deve dizer “Yo” perto de mim	30
Sulamita: o resgate da auto-estima da mulher negra	34

PRETAS BÍBLICAS - ESTUDOS BÍBLICOS

O que é EBI?	38
Era uma vez uma preta que falou com Deus	39
A Sulamita e a poesia de uma mulher negra	44
A Rainha do Sul, em toda sua glória...	49

MOTIVOS DE ORAÇÃO

FÉ E NEGRITUDE - Podcast com Lilian e Layane Soares	57
---	----



APRESENTAÇÃO

O Projeto Redomas se propõe a dar voz às mulheres dentro dos espaços de fé cristãos, desde de setembro de 2015 temos denunciado injustiças, violências e silenciamentos que as mulheres têm sofrido nas igrejas brasileiras. Apesar de diversidade e representatividade sempre terem sido preocupações em todo o nosso conteúdo - verbal e imagético -, reconhecemos que faltaram ações diretamente focadas em falar sobre racismo e a vivência das mulheres negras.

Esperamos que esse material possa servir de apoio à uma introdução de conversa sobre racismo nas igrejas e missões, que vocês possam aprender, discutir e conversar sobre as falas apresentadas aqui. Mas, principalmente, esperamos que ele sirva como exortação a nós, irmãs e irmãos brancos, sobre o pecado do racismo. Que juntos possamos confessá-lo e combatê-lo, reconhecendo nossos privilégios, ouvindo nossas irmãs e irmãos negros e não reproduzindo discursos e comportamentos que, contrariando os princípios cristãos de amor e igualdade, contribuem com opressão e violência.

“Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda injustiça.” 1 João 1:9

Que Deus nos perdoe e fale aos nossos corações todos os dias.

Bianca Rati, editoria e design

APRESENTAÇÃO

O Projeto Redomas entende que mulheres negras têm demandas e pontos de partida diferentes em relação a mulheres brancas e é impossível contemplar suas necessidades sem levar em conta o racismo que as atinge com tanta força. Fazer recorte racial e tratar de temas que toquem mais especificamente as mulheres negras não é uma tentativa de nos dividir enquanto mulheres, e sim de trabalhar nossa união, ao entendermos os privilégios de umas em relação às outras e tentar romper com as lógicas de opressão denunciadas por nossas irmãs negras.

Planejar uma intervenção voltada para negritude em uma equipe de organização composta por mulheres negras e brancas foi uma oportunidade de aprendizado para todas. Entendemos a necessidade do protagonismo de nós, mulheres negras, na elaboração desses materiais e, enquanto equipe, buscamos levar em conta o local de fala e a vivência de cada uma, tanto na produção de conteúdo quanto na tomada de decisões.

Nesse material reunimos textos, relatos e EBIs inspirados nos estudos e experiências de cada colaboradora, em diversas abordagens teológicas e pessoais. Em alguns momentos nos deparamos com a dificuldade de encontrar textos (principalmente em português) que nos servissem de base para a discussão sobre as mulheres negras da bíblia

e das comunidades cristãs; isso revela o atraso da igreja nessas questões e a urgência de produzirmos materiais como esse. Nesse processo de estudo e aprendizagem, pudemos finalmente nos enxergar enquanto mulheres negras nas escrituras e reconhecer o olhar e o cuidado de Cristo para conosco também. É gratificante ter a oportunidade de trabalhar esse olhar de identificação em outras mulheres e juntas reafirmarmos nossa identidade em Cristo. Agradecemos a todas as colaboradoras e parceiras, esperamos continuar crescendo juntas.

“Outra parábola lhes disse: O Reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher toma e introduz em três medidas de farinha, até que tudo esteja levedado.” Mateus 13.33

Que Deus nos abençoe e guie nosso olhar e caminhar.

Luciana Petersen, editoria



TEXTOS

E TRADUÇÕES

Flauta pra Sabá

Zainne Lima

Pr'essa nêga etíope sabichona não basta dizer:

- és mulher de Salomão.
- és do reino do sul.
- está na Bíblia.
- há um princípio cristão [...]

ai, meu povo, são necessárias declarações públicas de sua negritude, de sua majestade. Há que se gritar em cima dos púlpitos, com os microfones nas praças públicas, nas redes de televisão: Rainha de Sabá era africana! Não havia que branqueá-la em traduções eurocêtricas, em novelas e filmes apelativos. Era mulher negra e resistente, bebeu a sabedoria do mais sábio até que se levantou O Sábio. Com seus cabelos crespos e escuros, convocada pelo Rabi a julgar e condenar os homens, a mulher do braço direito, a mulher em sua fortaleza! A negra de título *ktke'* pras mulheres da igreja: a nossa representatividade fundamentada na Cruz.

Eu vi Cristo em Sua majestade e vi também a mim, igualmente, vestida de coroas. Cada fio de cabelo crespo se erguia acima de minha cabeça com a conexão profunda de quem O tinha visto. Descobri-me negra aos dezoito anos, quando me descobri crespa. Foi como arrancar uma parede da frente dos meus olhos: todo mundo percebeu que o papel pardo não combinava mais com o tom da minha pele. E vieram os racismos cotidianos da família, dos amigos, da mãe de criança

1 Significa “rainha-mãe”.

da igreja, do pessoal do ônibus, dos colegas de cursinho. Eu me descobria negra tipo 4b, o meu cabelo crescia descontroladamente ao redor de meu rosto, com pouca definição e enorme resistência.

A igreja dizia que o povo negro era um povo amaldiçoado, que as religiões africanas eram malignas, que era mais certo negar a negritude que fazê-la resplandecer. Como se o amor de Jesus fosse restrito a Europa. Esse mono-continental era um homem branco de olhos azuis e cabelos loiros, filho de uma mulher igualmente branca. E era engraçado, mas Deus pra mim era brasileiro e Jesus era mais parecido com o ator da adaptação cinematográfica de Auto da Compadecida que com a estátua chorando presa na igreja de vitrais do bairro. Havia um Jesus que circundava nômade e descalçado pelas ladeiras do meu coração, com a pele tão escura quanto a de meu pai, que também se chamava José.

No exercício de contemplação, muito difícil foi me enxergar ao lado de Jesus. Parecia que Ele podia estar onde quisesse e que eu não poderia estar no seu caminho humano. Que as nossas quebradas não se encontravam, nem por destino nem por atalhos. Como se na bíblia não houvesse espaço pra gente de cor. Foi necessário reler os evangelhos, trocar os óculos e os óculos, e finalmente perceber que Jesus era um dos meus, era um de mim, era um comigo. Que as nossas testas suadas tinham a mesma tonalidade, que éramos tão semelhantemente pequenos e pobres, e, por isso mesmo, semelhantemente infinitos.

Nesta curva eu vi a Rainha de Sabá. Vi um Jesus preocupado em libertar o povo preto da escravidão desde o Pentateu-

2 Exercício meditativo que consiste em projetar imagens que incluam o indivíduo da meditação em determinado contexto bíblico.

co. Jesus, cujo espírito clamava ao lado do meu por justiça, por um povo historicamente subjugado e assassinado. Meu amigo me dando as mãos e dizendo: por esta estrada você também pode ir. E, em movimento, surgiu uma coroa na minha cabeça, que se derramava por África com um amor incondicional. Eu vi minha beleza no espelho. Eu vi esperança. Cada fio de cabelo crespo se erguia acima de minha cabeça com a conexão profunda de quem O viu. Eu vejo Cristo em Sua majestade e vejo também a mim, igualmente, vestida de coroas. Eu sou copartícipe no Reinado pela Cruz.

Preta Flora na negra mesa do Senhor

Paloma Santos

Passei um tempo procurando uma mulher negra protestante. Mas não qualquer mulher negra protestante. Eu queria ler sobre alguma negra inscrita na história do protestantismo brasileiro, importante, protagonista, fundadora, ponto de mudança. Foi difícil por duas razões: a primeira é que, ao nos debruçarmos sobre a história do cristianismo no Brasil, achamos uma lista grande de homens brasileiros e estrangeiros que participaram de sua construção, mas percebemos a presença de pouquíssimas mulheres¹. A outra e mais importante das razões é porque as mulheres negras, em determinados momentos da história, não são mulheres.

Por que mulheres negras não são mulheres?

Porque nós temos apenas um tipo de história para contar sobre elas. Uma história única de exclusão, escravidão e sofrimento, que vem se modificando a partir do momento que visibilizamos as negras e seus feitos. Chimamanda Adichie, escritora nigeriana, não foi a primeira a apontar os perigos de um único ponto de vista, mas tornou pública como esta perspectiva é criada: “mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que ele se tornará”, disse. Ela também discute que devemos nos pre-

¹ No texto Deus mobilizando suas tropas: as mulheres na história do protestantismo brasileiro, publicado anteriormente no Projeto Redomas, Deborah Vieira dá visibilidade a algumas delas.

ocupar com os autores [masculino mesmo] dessas histórias. Quem as conta, quando as conta, quantas histórias são contadas. Quem faz dessas histórias as definitivas sobre as pessoas. Uma terceira dificuldade é que a “história única cria estereótipos” e como estereótipos são representações incompletas, eles fazem um história tornar-se a Única História. Esse movimento, de evitar histórias únicas, especialmente sobre a negritude, traz a possibilidade de pensar essas mulheres a partir de um viés de complexidade, inscrevendo-as como pessoas, evidenciando sua humanidade.

A história que escolhi: quem é Flora?

É triste ter que contar sobre uma mulher negra e começar falando sobre escravidão. Parece que a condição de existência delas só se dá a partir desse fato. O que faziam e quem eram as mulheres negras antes desse período degradante da história? Quem eram e onde estavam? Aqui fica o incentivo a fugir das histórias únicas e pensar no antes, mas relembra esses momentos de violência e resistência ajuda a situar a personagem desse texto que foi mulher escrava.

As negras escravas tinham, em suas vidas, uma série de especificidades que muitas vezes é ocultada na história. É muito comum associar diretamente a escravidão de mulheres negras ao trabalho e esquecer o quanto a exploração escorregava para outros aspectos da vida. Esse ocultamento é comum, já que as mulheres negras não eram consideradas mulheres. Se o sistema escravista definia o povo negro como uma propriedade, as mulheres também eram corpos lucrativos e unidades de trabalho desprovidos de gênero. A imagem da escrava da casa não condiz com o fato de que a maioria das meninas e mulheres trabalhava pesado na lavoura durante todo o dia. Ainda no aspecto do trabalho,

a opressão de mulheres negras era idêntica à dos homens. Angela Davis², porém, defende que as mulheres sofriam de forma diferente porque sofriam maus tratos específicos das mulheres - estupro -, e afirma que a atitude dos senhores se pautava na conveniência: não teriam gênero para explorá-las lucrativamente como se fossem homens e teriam suas condições de fêmeas lembradas quando era preciso punir por meio da exploração do corpo.

É importante demais marcar que as mulheres negras eram estupradas, o que ultrapassa em intensidade quando comparado com os castigos para homens. O estupro era uma arma de dominação, cujo objetivo era aniquilar o desejo das escravas de resistir. Além de açoitadas e mutiladas, as mulheres negras eram violentadas. Precisariam ter filhos para reproduzir e aumentar os lucros, assim não teriam filhos, mas objetos que aumentariam a força de trabalho; e toda a experiência de maternidade ficcionalizada do mundo moderno não seria permitido às negras trabalhadoras escravas, já que teriam que estar na lavoura. Angela Davis conta ainda que, durante o período de escravidão nos Estados Unidos, mulheres doloridas com seus peitos cheios de leite eram açoitadas nessa região do corpo. Dor, leite e sangue misturados.

Aqui no Brasil, fazendo o recorte da relação entre escravidão e cristianismo, tivemos a chegada dos missionários protestantes americanos e também a colonização católico-européia. Há evidências que clérigos e suas ordens mantinham a posse de escravas e escravos, e o discurso da importância do batismo se configurava como um rito de passagem das pessoas africanas e afro-brasileiras. “A escravidão, portanto, até os

2 DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

idos de 1870 era entendida como um meio de salvação³, a pessoa negra não tinha alma, recebia uma após o batismo. O protestantismo se assemelha bastante ao catolicismo em sua metodologia de exclusão, pois sua implantação no Brasil se deu a partir da tríade (1) polêmica/embate com o catolicismo, (2) ação educacional e construção de escolas e (3) ênfase na estrutura conversional. Essa terceira negaria todas as outras formas de religião, incluindo a de pessoas escravas negras africanas ou afro-brasileiras. Em estudo sobre a relação entre pessoas afro e o metodismo no Brasil, José Roberto Alves Loiola⁴ escreve que não há registros de que a missão metodista tenha se envolvido no movimento abolicionista e que o protestantismo em geral passa de largo sobre a questão abolicionista. Trazer esse fato tão específico aqui é fundamental para a introdução de uma preta chamada Flora.

Flora Maria Blumer de Toledo foi uma mulher negra que nasceu na capitania/província de Porto Feliz, São Paulo, em 1833 na Fazenda de Matias Toledo. Flora veio ao mundo em um período de crescimento da população escrava. Nesta província, em 1829, escravas e escravos representavam 52% da população⁵. Porto Feliz era um dos municípios do chamado “Quadrilátero do Açúcar” (área que compreendia Sorocaba, Piracicaba, Mogi Guaçu e Jundiaí), que entre os séculos XVIII e XIX, vivenciou o desenvolvimento da atividade canavieira. Encontrei poucas fontes sobre sua vida na internet, nenhuma fotografia. Não encontrei nada sobre sua

3 LOIOLA, José Roberto Alves. Metodismo de imigração e afro-brasileiros: Análise de alguns aspectos importantes da relação entre imigrantes metodistas estadunidenses e população afro-brasileira na região de Piracicaba no período de 1867 a 1930. Dissertação de mestrado, 2011

4 LOIOLA, 2011.

5 GUEDES, Roberto. Parentesco, escravidão e liberdade (Porto Feliz, São Paulo, século XIX). Revista *Varia Historia*, 2011.

família, sua ancestralidade. Flora, diferente das irmãs negras escravas citadas anteriormente, que trabalhavam nas plantações, trabalhou nos serviços domésticos na casa do seu dono, permanecendo na fazenda por 42 anos. Naquela época o trabalho doméstico contemplava os cuidados com a casa, com a alimentação, acompanhamento de moças e algumas escravas cuidavam ou amamentavam crianças. Como um espelho histórico, as mulheres negras até hoje, em sua maioria, têm os empregos como empregadas domésticas como porta de entrada para o mercado de trabalho e, para algumas delas, única forma possível de ocupação. Atualmente muitas jovens mulheres negras vêm refazendo a história de suas mães, avós e bisavós e conseguido estudar e chegar até os níveis de pós-graduação e trabalhar em setores acadêmicos e empresariais como líderes.

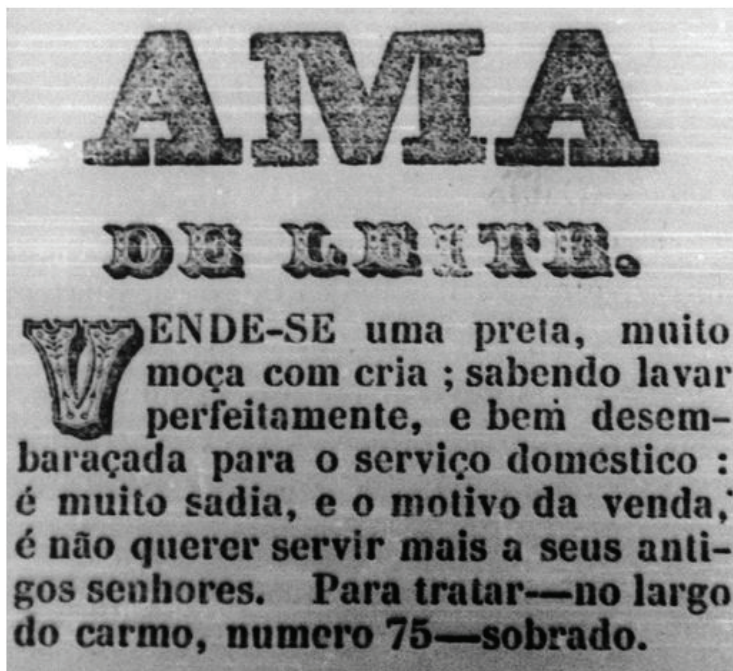


Figura 1. Exemplo de anúncio de venda de uma escrava no século XIX (não é o de Flora)

Flora foi vendida em 19 de Abril de 1875 para um protestante luterano chamado Pedro Blumer, que morava na cidade de Piracicaba. Flora viveu na casa de famílias protestantes escravistas. Porém, foi a partir dessa mudança que ela se inscreveu na história do protestantismo brasileiro. Na mudança ela conheceu uma mulher chamada Martha Watts, missionária e professora americana.

“Eu não ando só”: a história de duas mulheres

Aproximadamente nesse período (entre 1860-1865) aconteceu a Guerra Civil americana, período tenso que depois do término, suscitou um deslocamento da experiência nacional e muitas mulheres se inseriram em atividades públicas religiosas. Segundo Eliane Moura da Silva⁶, em 1840, o envolvimento das mulheres americanas no abolicionismo favoreceu a consciência dos limites sociais e da condição injusta das mulheres na sociedade. Como contraponto à vida marginal que mulheres, ainda que fossem ricas, viviam, a fé protestante se apresentou como uma possibilidade de resistência e inserção na vida pública. O trabalho religioso era um trabalho de mulheres e a perspectiva de reformar o mundo se apresentava para elas como uma missão. Estabelece-se então o trabalho feminino missionário no final do século XIX, e, como não poderia deixar de ser, o Brasil e a América Latina foram vistos como “campo”, já que haviam pessoas perdidas nessas terras tão necessitadas de mais colonização e conversão. Estou sendo irônica, não custa avisar. Nesse contexto, chega ao Brasil a missionária Martha Watts, que vai ter sua vida cruzada com a de Flora.

6 SILVA, Eliane Moura. Gênero, religião, missionarismo e identidade protestante norte-americana no Brasil ao final do século XIX e inícios do XX. Revista Mandrágora, 2009.

Martha Hite Watts nasceu em Bradstown, Kentucky, em 13 de fevereiro de 1845. Seu pai era advogado e sua mãe, dona de casa. Ainda jovem mudou-se para Louisville onde se formou professora e frequentou a Igreja Metodista da Broadway. Perdeu o noivo durante a Guerra de Secessão e permaneceu solteira. Chegou aqui no Brasil como missionária metodista com uma preocupação grande em relação à educação de crianças⁷. Queria educar através da doutrina protestante, ensinar por meio da Bíblia e evangelizar. Ao chegar ao Brasil, Martha comprou uma escrava. Martha conheceu Flora. A missionária era abolicionista e, logo em seguida, organizou todos os trâmites para que Flora fosse alforriada. Há quem não considere a alforria um processo de libertação para as pessoas escravas e concordo bastante. Existe um abismo entre a formalidade de ser alguém dito livre e ter uma vida autônoma, ser uma profissional paga e com direitos, ser enxergada como gente.

O mais revolucionário nessa história não reside no fato de que a americana rica vem ao país para libertar a pobre escrava. Isso não é impressionante. O que impressiona na relação entre essas duas mulheres é o fato de uma mulher enxergar outra mulher. Me permito um exercício fabulativo, já que não existem recursos históricos: Flora é vista por Martha como pessoa, ela deixa de ser um corpo útil para a exploração, um ser inferior, alguém que o discurso protestante marca como distante de Deus por causa de sua cor e condição. Uma mulher se aproxima de outra mulher, a aproxima de sua vida, dá visibilidade e escreve seu(s) nome(s) na história.

Martha Watts fundou o Colégio Piracicabano, que atualmente faz parte no núcleo de educação de Piracicaba que in-

clui uma universidade (UNIMEP) e um centro cultural que leva seu nome. Flora foi contratada e trabalhou no colégio após sua alforria, sendo a responsável pela cozinha e despesa e seguiu funcionária até morrer. Acompanhou Martha Watts em diversas viagens aos Estados Unidos, recebeu instrução e falava inglês fluente. Conta-se que era muito querida pelas missionárias e por suas alunas e alunos. A vida de Martha deve contar a vida de Flora e a vida de Flora deve contar a vida de Martha. As mulheres não andam sós.

A Igreja Metodista de Piracicaba foi fundada em 1881 e, no livro que lista os nomes de membras e membros, está registrado em 21 de janeiro de 1883 o nome de Flora Maria Blumer de Toledo, a primeira mulher afro-brasileira a ser admitida via pública profissão de fé em uma igreja protestante no Brasil⁸. Neste mesmo dia foram admitidos os membros da família Blumer, antigos “donos” de Flora. Se aquela comunidade era casa, Flora agora era visível, pessoa, uma igual ao seu antigo senhor. Na casa de Deus não há espaço para desigualdades. A preta, o senhor rico, a missionária, todos juntos rendidos ao pés de Jesus.

Registra-se que Flora Maria faleceu em 1892. Ela era, no Colégio Piracicabano, a Tia Flora. Segundo o site do Colégio, em 2003, quando inaugurado o Centro Cultural Martha Watts, um de seus ambientes foi batizado com o nome de “Café Flora”, para que sua história seja sempre recordada na memória dos alunos e visitantes.

Negra mesa do Senhor

Um dia desses
Vou me sentar à mesa do Senhor
E me queixar aos gritos
Vou caminhar ao lado de Jesus
E dizer a Deus como você me trata
Spiritual, Alice Walker⁹

Eu não conhecia a história de Flora, uma mulher negra como eu. Dona de um corpo de cor revolucionária. Tão revolucionária que é combatida, maltratada, silenciada, branquificada. Protestante como eu. Enquanto pensava e escrevia, lembrei de um conto da Alice Walker chamado A mesa do Senhor, assim sem crase. Na história uma velhinha negra, vestida com um traje de domingo mofado, com um rosto assim descrito: “séculos estavam envoltos nos círculos em volta de um dos olhos, enquanto em volta do outro, gravadas e mapeadas como se fossem ser impressas, outras eras ameaçavam vir à luz”, entra numa igreja. Ela ousou entrar em uma igreja branca, sentar no último banco da igreja branca, e olhar para a cruz da igreja branca. Foi expulsa pois seu corpo negro não pertencia àquele lugar e ficou perplexa jogada na escada. Lá dentro tudo voltou ao “normal”.

Em que mesa sentam eu, você e Flora? Na casa de Deus, onde é nosso lugar? É na mesa? Na cozinha? É na celebração, cantando, sorrindo, contando histórias? É ao lado de Jesus? Quem deseja sentar-se ao lado de nossos corpos? Quem deseja comer e caminhar conosco?

O conto termina com Jesus chegando e convidando a velha preta para caminhar, ela obedece e parece viva. Primeiro caminhou

9 WALKER, Alice. A mesa do senhor. In: WALKER, Alice. De amor e desespero: histórias de mulheres negras. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

em silêncio, depois começou a contar sobre todos os anos que cozinhou, limpou e cuidou de filhos que nem eram seus. Ela olhava pra Jesus e sorria, ele sorria de volta. Ela contou também sobre o episódio na igreja branca e, indignada, disse que só cantarolava em silêncio, em pensamento, quando foi jogada pra fora de SUA igreja. Ele sorriu e ela se sentiu melhor, o tempo parecia voar ao lado de Jesus. Passaram pela casa dela, miserável. Ela rompeu o silêncio pra dizer como estava alegre por Jesus ter vindo caminhar com ela, que costumava olhar sua imagem no quarto. Não sabia onde estavam indo, mas poderia caminhar assim pra sempre. Olhem lá, uma negra do lado de fora, ao lado de Jesus.

“Aquela gente da igreja nunca soube o que aconteceu à velha. Eles jamais mencionaram sua existência a qualquer pessoa ou mesmo entre si. Algum tempo depois, a maioria deles ouviu falar que uma velha de cor morrera em algum ponto da estrada. Por improvável que fosse, parecia que ela resolvera caminhar até morrer. Muitas das famílias negras à beira da estrada diziam que haviam visto a velha senhora andando decidida: às vezes resmungando numa voz baixa, insistente, às vezes cantando, e ainda outras vezes apenas fazendo gestos nervosos com as mãos. Em outros momentos, sorrindo silenciosa, com os olhos no céu. Eles diziam que ela estava sozinha. Alguns até se perguntaram em voz alta onde ela estivera indo tão determinada que seu coração não aguentara. Alguns supunham que ela talvez tivesse parentes do outro lado do rio, a alguns quilômetros de distância. Mas na verdade ninguém sabia”.

Para Flora e todas as negras invisíveis, há uma mesa depois da caminhada.

O lamento de uma mulher negra reformada

Trillia Newbell

Eu me sentei em frente a uma linda mulher negra com um moderno penteado afro. Ela e eu estávamos almoçando e ela estava ansiosa para falar comigo sobre sua experiência pessoal como uma mulher afro-americana em uma igreja predominantemente branca. Ela compartilhou que o que eu tinha escrito em um post recente no meu blog sobre o tema era exatamente aquilo que ela estava passando. Ela elogiou minha coragem e admitiu que não sabia muito bem como controlar suas emoções, que estavam presas até ler meu texto. Com lágrimas correndo pelo rosto, continuou falando sobre a vontade de ter um companheiro, algo que parecia estranho devido à rara chance de alguém do sexo oposto - e raça - se interessar por ela na igreja. Lembrei-lhe da boa nova do evangelho: que Deus tem orgulho dela e a ama. Naquele momento, percebi que ela e muitas outras lutavam silenciosamente e lidavam com muitas perguntas e desejos, fazendo com que o tópico da vivência de mulheres negras em igrejas, predominantemente brancas reformadas, fosse algo realmente importante.

Mas quais são as estratégias?

Eu acredito firmemente que Deus nos deu tudo o que precisamos para crescer em piedade em relação a sua Palavra (2 Timóteo 3: 16-17), porém, livros e publicações são presentes de Deus. Apesar de ter procurado os recursos disponíveis

para uma mulher negra reformada cristã, acho que não há nenhum material escrito por cristãos reformados que falem diretamente para mim. Há uma abundância de materiais para mulheres, muito é produzido sobre a teologia, e até mesmo existem alguns livros maravilhosos sobre a natureza histórica da igreja a partir da experiência afro-americana, como o livro de Anthony J. Carter “On Being Black and Reformed”[Sobre ser negro e reformado]. Há, no entanto, uma aparente falta de consciência de que a experiência de mulheres negras reformadas é, de fato, diferente da experiência masculina. Foi ideia de Deus criar homens e mulheres, foi idéia de Deus criar a mulher negra. As necessidades únicas e específicas da mulher negra foram negligenciadas involuntariamente. É claro para mim, mais do que nunca, que estas necessidades são importantes e devem ser abordadas.

Como prosseguir?

O debate está aberto e seria uma vergonha e um desserviço permitir que essas questões fossem novamente esquecidas. Aqui estão tópicos que eu gostaria de explorar:

1. Como a mulher negra entende a feminilidade bíblica? Entendendo que haja um interesse nisso, como abordar esse assunto sabendo que a experiência de mulheres negras no país é historicamente diferente da experiência de mulheres brancas?
2. Algumas mulheres negras têm uma identidade que está em crise. Há muitas de nós, vivendo em comunidades brancas, servindo em igrejas brancas, e, mesmo se identificando com pessoas brancas, ainda sentindo a diferença. Precisamos falar sobre a nossa identidade em Cristo e discutir sobre a identidade em crise.
3. Como os líderes da igreja falam sobre o desejo de casar e

formar família entre as mulheres negras? Essas mulheres têm preocupações, questões e temores.

4. O que a cultura da igreja deve expressar em um mundo caído? Em outras palavras, se você deseja uma igreja que tenha lugar para a diversidade, deve haver uma cultura diversa. Como? As pessoas negras estão sendo afetadas por essa visão?

5. Recentemente assisti uma fala de Leonce Crump II, pastor principal na Renovation Church no centro de Atlanta, dar uma palestra sobre negritude. Ele nos desafiou a abraçar a idéia da “nova etnia”. Seu argumento básico é que em Cristo somos todos iguais. No entanto, ele também deixou claro que não está exortando que todos assimilem isso. Somos iguais, ainda assim, somos diferentes. Se devemos adorar a Deus juntos, devemos falar sobre essas diferenças. Devemos explorar e discutir o que as igrejas devem ensinar aos seus membros e membras sobre a questão da raça e negritude.

Enquanto escrevo esses tópicos de ideias e sugestões, fico muito animada. De inúmeros e-mails, textos, e mensagens que recebi sobre a necessidade de discutir essas questões, imagino que existam pessoas ansiosas para se envolver, ansiosas para aprender, ansiosas para saber como servir de uma forma mais eficaz discutindo a questão da negritude. Fazer disto uma prioridade levará a uma maior compreensão e comunhão entre as pessoas da comunidade de fé.

Mas por que isso é importante?

A Bíblia adverte contra a parcialidade. Tiago escreve muito claramente: “se vocês obedecerem à lei do Reino, estarão fazendo o que devem, pois nas Escrituras Sagradas está escrito: ame os outros como você ama a você mesmo. Mas se vocês tratam as pessoas pela aparência, estão pecando e a

lei os condena como culpados” (2:8-9). Deixe-me reforçar que muitas pessoas podem desconhecer que essa parcialidade em direção a nossa raça é uma tentação. Se este for o caso, talvez, Deus está revelando algo agora. Devemos tratar todas as pessoas como iguais.

Outra razão simples para discutir este tema é porque somos o corpo de Cristo e, como tal, cada membro desempenha um papel importante. Se um membro do corpo (ou um grupo inteiro) se sente alienado ou desassistido, devemos estar ansiosas para saber como lidar com isso. Não podemos saber se não discutimos, investigamos e cavamos mais fundo nos corações daquelas e daqueles que nos rodeiam.

Talvez em breve, minhas próximas conversas com as mulheres negras que estão tentando ou lutando para se entender sejam diferentes. Talvez quando eu estiver com a moça que está com medo de achar que nunca vai se casar porque pra ela é incerto se o irmão (branco) em Cristo irá gostar dela ou não; ou com a mulher negra que está lutando contra a ambição egoísta de apresentar seu novo marido branco que vai agradar seus pais. Claro, que eu diria “Deus tem tudo que você precisa em sua Palavra, então corra lá e mergulhe na leitura”. Mas, um dia talvez, eu também seja capaz de dizer, “aqui estão alguns recursos para ajudá-la a compreender essa sua experiência angustiante. Você não está sozinha”.

Quando eu descobri que sou negra

Emily Monteiro

Não tenho a pele escura, nem tenho pele clara, meu cabelo é enrolado, o rosto arredondado, o nariz parece uma bolinha. Todo mundo sempre diz que eu sou a cara do meu pai. Minha mãe é branca, meu pai não. Na minha família paterna eu sou a única neta que se formou na universidade, ainda que não seja a mais velha. Tenho primos do lado de mãe que são advogados, engenheiros, professores, e um que é neurocirurgião.

Não vou ser desonesta e dizer que minha identidade racial foi um assunto recorrente na minha vida, alguma coisa que eu considerasse fundamental no entendimento de quem eu era, porque isso não passou pela minha cabeça por muitos anos. Eu estava satisfeita em ser parda, mesmo que eu não entendesse muito bem o que era isso. Só com o passar dos anos que eu percebi uma ambivalência que começou a me incomodar: e eu era branca em alguns espaços e negra em outros.

Minha família materna é racista e talvez nem percebam. Mas por muito tempo os comentários que eu escutava sempre me machucavam, ainda que não fossem sobre mim. Algumas histórias sobre como meu pai foi recebido por parte da família sempre partiram meu coração. Meu pai, aquele que todo mundo (inclusive eles) fala que eu sou a cara. Um dia, quando era pequena, - pequena demais pra entender e processar o que aconteceu, mas não o suficiente para esquecer – fui com a minha mãe até o mercado do meu avô. Eu amava ir até lá, brin-

car no mercado, comer doce, mexer nas coisas. Nesse dia eu me sujei de graxa, fiquei com as mãos e os braços sujos de um preto bem escuro. Assim que percebi, corri até a minha mãe, que estava conversando com meu vô. Eu estava morrendo de medo da reação dela (e eu tinha todos os motivos para estar assim, porque essa mulher quando via roupa suja, minha nossa!), mas o que me marcou naquele dia foi o que meu vô me disse. Ele disse que não estava vendo diferença nenhuma da graxa pra minha pele, que aquela era a minha cor. Não me lembro o que a minha mãe disse, nem como tiramos aquela graxa de mim, mas me lembro de ficar bastante triste com o que tinha ouvido. A minha cor era preta?

Alguns anos se passaram, eu já tinha entendido que não era uma pessoa branca, mas não era preta de jeito nenhum. Me olhava no espelho e, apesar do rosto redondo e nariz de bolinha, meu cabelo alisado e a maquiagem mais clara que a minha pele, me davam a impressão de que eu era uma morena mais acinzentada, e na minha sala (num colégio particular) tinha pelo menos mais uma pessoa mais escura que eu. Mas eu percebi que não era bem assim em uma aula de literatura. Eu tive ótimos professores de literatura, desses bem descolados que prendiam muito a atenção de toda turma. De vez em quando, eles buscavam nos alunos da sala exemplos das personagens que estávamos estudando. No Romantismo eram as meninas bem brancas, magras e emos (até hoje eu imagino uma menina da minha turma quando penso em Romantismo), no arcadismo as brancas e magras de cabelo castanho, no realismo uma branca, magra, de olhos grandes e sempre muito bonita pra ser Capitu. Até que chegou a minha vez.

Estávamos estudando “O Cortiço” de Aluísio Azevedo, passando por cada uma das personagens, e nos atentando mais aos principais, aos que poderiam cair no vestibular. Quando chega-

mos em Rita Baiana, a típica mulata brasileira, a atenção de todos foi levada até mim. Meu professor dissertava sobre as características da personagem marcante “mulher sensual, de pele morena, igual a Emily. A Emily é a nossa Rita Baiana”. Nesse momento eu tive uma percepção sobre mim mesma que nunca tinha tido antes, porque a Rita Baiana que eu tinha imaginado na minha cabeça quando lia o livro era uma mulher negra. Eu era uma mulher negra? Então é assim que as pessoas me veem?

Alguns anos se passaram desde essas experiências, e algumas outras ainda aconteceram, importantes, mas não tão marcantes. Chegar à universidade, ocupar espaços questionadores e aprender com aquelas e aqueles que estão organizados em diferentes lutas, abriu meus olhos para desconstruir algumas coisas e entender o que significava ser mulher, ser parda, ser negra. Eu tenho muita consciência de que minha pele clara traz consigo uma série de privilégios, mas hoje tenho muita convicção de que sou mulher negra.

Peço licença aos meus irmãos e minhas irmãs de pele escura, que sofrem diariamente coisas que eu não sou capaz de imaginar, que não gozam de certos privilégios que eu tenho por ter a pele mais clara, que desde cedo tiveram plena certeza de qual era a sua cor porque a sociedade racista fazia questão de afirmar isso. Gostaria de usar esse espaço para falar com aquelas e aqueles que, assim como eu, passaram muito tempo sem compreender o que viam no espelho, que descobriram que não eram brancos em situações constrangedoras e dolorosas, que são questionados pelas pessoas de pele clara e escura quanto a sua identidade.

Você pode ser branca, loira, morena, ruiva, ter sardas, nariz grande ou pequeno, mas a negritude tem um padrão. Essa é mais uma manifestação de racismo na sociedade. Independentemente da miscigenação de que sejamos fruto, a variedade nas características físicas do povo negro não pode ser negada.

Ter a pele mais clara, o nariz mais fino, ou não saber sambar não faz de ninguém menos negro. Como eu disse antes, essas características trazem alguns privilégios, mas não devem ser usados por nós como escudos, e mesmo que sejam usados como munição quando buscarem negar a nossa identidade, devem ser instrumentos para reafirmarmos e questionarmos os preconceitos por trás dessa lógica.

O racismo é uma coisa muito doida mesmo. Faz a gente questionar a nossa identidade, mas ao mesmo tempo quer nos mostrar que não estamos à altura de alguns espaços, de alguns papéis. Não somos tão negras e negros assim, mas você não serve pra namorar minha filha. Não somos tão negras e negros assim, mas nos espaços privilegiados somos as únicas pessoas não-brancas, somos a amiga mais “moreninha”. Não somos tão negrasassim pra usar o cabelo crespo, uma progressiva resolve fácil esse problema. Não somos tão negrasassim, mas quando entramos numa loja ninguém vem atender ou ficam acompanhando a distância cada um dos nossos movimentos.

Mas eu cansei de ser negra ou branca quando convém. Eu já descobri quem eu sou, já entendi qual é meu lugar. Meu lugar é do lado das minhas irmãs e dos meus irmãos pretos, ocupando espaços que elas e eles não chegam e lutando para que elas e eles possam ocupá-los o mais breve possível. Meu lugar é do lado das minha irmãs negras, com a beleza e os corpos desrespeitados, com os menores salários do mercado, as maiores vítimas de violência doméstica. Meu lugar é do lado dos meus ancestrais, escravos, pedreiros, vidraceiros... Quando eu descobri e decidi que era negra, eu escolhi meu lado na luta.

Porque você não deve dizer ‘Yo’ perto de mim

Trillia Newbell

Como discutir sobre negritude nos ajuda a superar nossas divisões.

Mesmo com o aumento da atenção dada às questões de raça e etnia, qualquer tentativa de entrar em uma conversa sobre estas questões se inicia com um pouco de timidez: Posso falar isso? Posso usar essa palavra? Como a pessoa vai se sentir se eu perguntar sobre...?

Esses tipos de perguntas também podem surgir em torno de observações do Mês da História Negra¹, à medida que as pessoas reflitam sobre as maneiras de honrar os afro-americanos sem recorrer a estereótipos, clichês ou tabus.

Nossa relutância em discutir questões de raça e negritude e renunciar ao silêncio “seguro” muitas vezes vem de um desejo de respeitar os outros, mas também de nosso próprio medo de ser chamado de insensível, ofensivo ou pior, um racista.

Esse termo chega com tanto peso e é uma pena que as pessoas não se relacionem com ele. Existem poucas pessoas racistas auto-identificadas, embora muitas em nosso país e nossas igrejas realmente lutam contra o racismo. Nossa distância deste termo nos impede de nos envolver totalmente com as questões de raça.

¹ Nos Estados Unidos, o Mês da História Negra ou o Mês Nacional da História Afro-Americana é uma celebração anual que acontece no mês de fevereiro desde 1976. É um tempo para discutir as conquistas das pessoas negras americanas e para afirmar o papel central na História dos EUA.

Anteriormente eu escrevi um texto para desafiar os cristãos a avaliarem seus corações para ver se o orgulho e a auto-exaltação alimentam o pecado do racismo dentro deles. Sei que o racismo está bem vivo e presente porque conheci pessoas que dizem lutar contra ele. Durante o ano passado, eu me envolvi com irmãos e irmãs que estão dispostos a enfrentar seu pecado, arrepender-se, e pedir a Deus para que mude.

Creio que muitas dessas pessoas continuariam a ser complacentes com seu pecado, se algumas igrejas e organizações não tivessem começado a liderar discussões sobre as questões de raça e negritude. Quando estamos dispostas a ter conversas difíceis - e às vezes desconfortáveis - Deus trabalha através delas.

Pesquisadores descobriram que a maioria dos evangélicos acredita que “uma das maneiras mais eficazes de melhorar as relações raciais é parar de falar sobre”. Esse sentimento revela quantos de nós prefere ignorar as questões raciais como uma força social, bem como nosso próprio preconceito racial.

O viés racial chega primeiro por uma questão de instinto. Qual é sua reação quando você vê alguém que parece ser descendente do Oriente Médio embarcando em seu avião? Se você está andando em uma área urbana e um grupo de homens negros param pra te pedir uma informação, o que você pensa? Quando você vê um homem branco com barba, vestindo jeans skinny em uma cafeteria, o que você pensa sobre ele? Toda pessoa negra dança bem e de forma sensual? Todas as pessoas asiáticas são super inteligentes? Todas as pessoas africanas vivem em cabanas sem eletricidade? Todas as pessoas brancas dos EUA vivem nos subúrbios e dirigem mini-vans?

Eu já experimentei esse tipo de tendência racial instintiva. Certos indivíduos me conhecem e sentem a necessidade de falar uma certa palavra (“Yo, what’s up?”²) ou mover-se de

uma maneira que claramente reproduzia algo que viram na televisão. Eu não me ofendia nesses momentos; estava confiante de que, com mais tempo de convívio a pessoa poderia comprovar que esse estereótipo não se aplicava para mim. Em outro exemplo, quando fui aceita na escola de direito, alguém declarou que eu devia ter me beneficiado de ações afirmativas. Por que não foi estudando bastante a primeira suposição em relação à minha aprovação?

Somos facilmente influenciados pela cultura - o que lemos, vimos ou ouvimos falar, mas não experimentamos - e as atitudes e sistemas de crenças das gerações passadas. Para haver reconciliação e mudança em nossa nação, comunidades e igrejas, devemos reconhecer que o viés racial é de fato uma possibilidade para todas e cada uma de nós. Então, queremos lutar contra nossas suposições sobre as outras pessoas, sobre as pessoas negras, aprender e fazer boas perguntas.

Cabe a nós reconhecer que nossas suposições são problemáticas e reconhecer nossa ignorância. Embora a falta de compreensão sob muitos preconceitos raciais não seja necessariamente pecaminosa, ela pode levar a uma mentalidade não bíblica que favorece a ideia da superioridade branca em relação a outras. Uma vez que esse discurso causa julgamento injustificado, ansiedade ou medo, e violência, é pecado.

A frase frequentemente usada “não há nada de novo sob o sol” também fala sobre discriminação racial. O preconceito levou um sacerdote e um levita a passar por um homem ao lado da estrada depois que ele sofreu roubo e ser espancado (Lucas 10: 31-32). E foi o amor ao próximo que levou o sa-

2 Algo que traduzido se aproximaria de “Yo, e aí?”, a expressão Yo é uma interjeição presente em falas coloquiais e muito associada a pessoas negras pobres. Serve para estereotipar pessoas negras.

maritano a ajudar o homem, independentemente do viés racial (Lucas 11: 25-37 e João 4: 9).

Além disso, sabemos que Jesus nunca teve esses preconceitos. Ele estava constantemente contra o sistema e as definições culturais e societárias de raça e etnia. Ele não estava pecando - nosso Salvador nunca pecou (2 Coríntios 5:21) - ele andou nesta terra em completa pureza e justiça. Ele se relacionava, cuidava e servia aos que não eram como ele.

As Escrituras nos dão uma nova perspectiva em relação a como vemos uns aos outros: somos todos criados à imagem de Deus (Gn 1:27). Somos criados unicamente diferentes, para a glória de Deus, mas somos uma humanidade (Gn 1: 26-28, Atos 17:26). Devemos abraçar nossas diferenças, mas não permitir que nossos preconceitos e estereótipos dirijam nossas ações. Todos nós devemos nos mobilizar e se esforçar para aprender. Devemos também nos arrepender, onde o arrependimento é necessário, e ser honestas sobre como vemos nosso próximo.

Este breve post não resolverá o problema, mas eu oro para que ele construa a consciência, que é um passo rumo à compreensão, à cura e à reconciliação. Estamos unidos pelo evangelho que nos torna capazes de amar e servir àqueles que não conhecemos.

Sulamita: o resgate da auto-estima da mulher negra

Helen Caetano

É, amigas, falar sobre beleza e auto-estima da mulher negra não é algo fácil. Afinal, se Deus nos fez perfeitas, por que ainda fazemos comparação umas com as outras?

Vou contar uma história pra vocês: quando me converti, li um livro que falava sobre o fato do povo da Bíblia ser negro, chamando atenção para características da população, devido a região que se encontravam. Isso para uma adolescente de auto-estima baixa e que estava descobrindo o amor de Deus por ela foi algo revolucionário, pois em qualquer obra artística o povo de Deus é retratado de forma diferente e nos cultos pouco se fala sobre isso.

Mas não escrevo para falar sobre o povo negro na Bíblia e sim sobre uma personagem, uma mulher negra.

Uma das coisas que mais gosto na Bíblia é o fato de nem sempre as características físicas das pessoas serem apresentadas, geralmente a personalidade que é realçada. Algo que me chamou atenção quando li Cantares, além da fala de Salomão sobre sua amada, é que fica evidente a pele escura da personagem principal (cap.1, v. 5 e 6). Pode parecer

bobagem para você falar sobre elogios, virtudes; pode parecer soar algo machista, mas pra mim, olhar no espelho e lembrar que a mulher vista como referência para mulheres e homens também, é da minha cor, é algo grandioso.

Não sei como foi sua infância, vida na escola, trabalho e faculdade, mas até pouco tempo ouvir coisas positivas (sem conotação sexual) sobre nosso cabelo, trabalho, nossa cor, era algo raro. O modelo de beleza negra pra boa parte das brasileiras e brasileiros eram as mulatas do carnaval, a “glo-beleza”. Quem nunca pediu pra amiga preta “dar uma sambadinha”? E seu eu disser pra você que comparações do tipo ferem a mulher negra? Essa mulher que é maior que seu “corpo, sua carne”?

“Ah, isso é exagero! Como assim? Sempre achei minhas amigas lindas!”, você deve estar pensando.

“Nossa! Quer dizer agora que não posso me vestir e andar como quiser, nem dançar?”

Não, não é isso que estou falando, desculpe a confusão.

Voltando para a mulher negra de Cantares, ela não é apenas “formosa” como por repetidas vezes diz seu amado, ela representa as mulheres fortes e corajosas com quem você convive diariamente.

O livro de Cantares é visto como uma declaração de amor de Cristo pela Igreja. Outros veem como declaração de um homem para uma mulher e é nesse ponto que te pergunto: Será mesmo que as mulheres de cabelos ondeantes (cap 4, v.1), que estão nas igrejas são amadas? Será que o irmão da igreja, ou até mesmo um colega da missão, não está tratando essa mulher como os caras “do mundo”, ao dizer pra ela que só quer ficar, que não tá a fim de nada sério... “Pra quê compromisso? Ninguém precisa ficar sabendo!”.

Queridas, não se sintam solitárias, vocês não precisam dis-

so. Não é porque alguém não te encontrou (de forma romântica) ainda ou porque alguém te falou coisas desagradáveis, que você não tem seu valor. Antes de qualquer declaração de um homem, lembre-se que a maior declaração de amor a você já foi feita por Cristo. Você merece sim ser amada. Não precisa ficar mendigando nada a ninguém. Lembre-se sempre: Você é a mais formosa e amada entre as mulheres.



PRETAS BÍBLICAS

ESTUDOS BÍBLICOS

O QUE É EBI?

“O estudo bíblico indutivo (EBI) leva o interessado a descobrir por si mesmo o significado das Escrituras e a relacionar o que descobriu com a sua vida de cada dia. Num EBI procuramos encontrar o que o autor quis dizer, e não impor nossos sentimentos ou opiniões sobre o texto. Para melhor deixar a Bíblia falar por si mesma, o líder de um grupo não faz um pequeno sermão sobre o texto, nem defende as conclusões do seu estudo prévio, mas faz perguntas que permitem aos membros do grupo descobrirem o significado do texto. Há três passos básicos na realização do EBI: a observação (descobrir os fatos do texto); a interpretação (determinar o que os fatos significam) e a aplicação (agir a partir das conclusões alcançadas). Por meio das respostas aos fatos observados e das conclusões alcançadas, o estudo se torna dinâmico e as aplicações bem práticas.

O método indutivo se baseia na convicção de que o Espírito Santo ilumina a quem examina as Escrituras com sinceridade, e que a maior parte da Bíblia não é tão complicada que quem saiba ler não possa entendê-la. Os judeus da Beréia foram elogiados porque examinavam cada dia as Escrituras “se estas coisas eram assim” (At 17:11).

É emocionante descobrir que a Bíblia fala hoje em dia, de uma maneira clara e contemporânea, respondendo às perguntas que todo ser humano faz.”

Antonia Leonora Van Der Meer

O Estudo Bíblico Indutivo, página 6. ABU Editora, 1986

ERA UMA VEZ UMA PRETA QUE FALOU COM DEUS

Paloma Santos

[Antes de começar]

Neste EBI vamos estudar sobre Agar. Antes de fazer a leitura do texto bíblico, faça um pequeno exercício de memória: você se recorda da história dela? Com quem ela está relacionada, outros homens, outras mulheres? Ela faz parte de que núcleo bíblico? Lembra de algum fato importante relacionado à sua vida?

[Texto 1]

1 Sarai, a mulher de Abrão, não lhe tinha dado filhos. Ela possuía uma escrava egípcia, que se chamava Agar.

2 Um dia Sarai disse a Abrão:

- Já que o Senhor Deus não me deixa ter filhos, tenha relações com a minha escrava; talvez assim, por meio dela, eu possa ter filhos.

Abrão concordou com o plano de Sarai, 3 e assim ela lhe deu Agar para ser sua concubina. Isso aconteceu quando já fazia dez anos que Abrão estava morando em Canaã.

4 Abrão teve relações com Agar, e ela ficou grávida. Quando descobriu que estava grávida, Agar começou a olhar com desprezo para Sarai, a sua dona.

5 Aí Sarai disse a Abrão:

- Por sua culpa Agar está me desprezando. Eu mesma a entreguei nos seus braços; e, agora que sabe que está grávida, ela fica me tratando com desprezo.

Que o Senhor Deus julgue quem é culpado, se é você ou se sou eu!

6 Abrão respondeu:

- Está bem. Agar é sua escrava, você manda nela. Faça com ela o que quiser.

Aí Sarai começou a maltratá-la tanto, que ela fugiu. 7 Mas o Anjo do Senhor a encontrou no deserto, perto de uma fonte que fica no caminho de Sur, 8 e perguntou:

- Agar, escrava de Sarai, de onde você vem e para onde está indo?

- Estou fugindo da minha dona - respondeu ela.

9 Então o Anjo do Senhor deu a seguinte ordem:

- Volte para a sua dona e seja obediente a ela em tudo.

10 E o Anjo do Senhor disse também:

“Eu farei com que o número dos seus descendentes seja grande;

eles serão tantos, que ninguém poderá contá-los.

11 Você está grávida, e terá um filho, e porá nele o nome de Ismael, pois o Senhor Deus ouviu o seu grito de aflição.

12 Esse filho será como um jumento selvagem; ele lutará contra todos, e todos lutarão contra ele.

E ele viverá longe de todos os seus parentes”

13 Então Agar deu ao Senhor este nome: “O Deus que Vê”. Isso porque ele havia falado com ela, e ela havia perguntado a si mesma: “Será verdade que eu vi Aquele que Me Vê?”

14 É por isso que esse poço, que fica entre Cades e Berede, é chamado de “Poço Daquele que Vive e Me Vê”.

15 Agar deu um filho a Abrão, e ele pôs no menino o nome de Ismael. 16 Abrão tinha oitenta e seis anos quando Ismael nasceu. (Gênesis 16. 1-15, NTLH)

[O] Leia o versículo 1 e 2 e identifique as camadas da vida de Agar. Ela é mulher e ...? Onde ela nasceu?

[O] Na narrativa as duas mulheres são descritas como um par que se complementa, para a narrativa elas são um espelho. Complete a tabela abaixo para melhor visualizar essa complementaridade e privilégios

SITUAÇÃO	PERSONAGEM
Dona	
Escrava	
Estéril	
Fertil	
Esposa	
Jovem	
Rica	
Dependente	

[OI] Agar em sua condição de escrava não escolheu ter relações com Abrão, ela foi obrigada. Retome o exercício de memória feito antes da leitura do trecho bíblico e releia o versículo 4 e 5. Nos discursos que circulam nas comunidades de fé ou igrejas, Agar é contada como a escrava perversa? Há uma inversão, considerando que ela era uma escrava?

[OI] Leia o versículo 4-6. “Elsa Tamez entende o confronto entre Sara e Agar mais como uma luta das mulheres para garantir status de esposa e patroa, dentro da sociedade patriarcal. O confronto nasce quando Agar rompe com as leis, e quer ter os mesmos direitos da patroa porque está grávida do patriarca.¹”. A luta de Agar é justa? A escrava errou em cobrar direitos de

sua senhora? Qual o discurso mais comum em relação a Agar: uma mulher que se valorizou e cobrou seus direitos ou uma escrava insubordinada e insolente?

[OI] Observe o que Sarai fez com Agar no versículo 6. Entendendo que “No texto é possível perceber que a situação entre Sarai e Abrão não está tranquila. Há conflitos na casa. Sarai enfrenta Abrão para discutir o problema que estava criado dentro da casa. Este problema é também social porque as mulheres estão sofrendo na casa, as consequências dos papéis atribuídos a elas pelo sistema patriarcal²”, devemos vilanizar Sarai? A rebeldia da escrava denuncia a sua dona ou o sistema que as oprime?

[A] Agar foge e tem um encontro com Deus no deserto. Deus a chama pelo nome, conversa com ela, ela dialoga e recebe promessas. O quão libertador é essa experiência, considerando a situação de extrema exclusão de sua vida (mulher, negra, escrava e estrangeira)? O que esse encontro nos ensina sobre Deus?

1 SILVA, Fernanda Priscila Alves. Agar: A mulher que conversa com Deus. In: As mulheres tomam a palavra: uma abordagem do processo de visibilização das mulheres na história. CEBI, 2015.

2 (SILVA, 2015).

[A] Deus não chama Agar de escrava, mas sim, pelo seu nome. Agar dá nome a Deus. Agar dá um nome a quem lhe dá um nome. É a única mulher na bíblia que fala diretamente com a divindade e a única que lhe dá um nome: “O Deus que Vê”. Reflita sobre a condição de Agar e sobre sua grandeza, sobre as experiências que viveu. Ela é uma matriarca, sua descendência é grande, era uma mulher negra em movimento. Ela é exemplo de alguém que resiste e luta por dignidade e emancipação.

[A] Deus viu e falou com Agar, uma negra em condição de exclusão, uma invisível. Pense sobre sua vida, seu cotidiano e relações: quem são as pessoas invisíveis perto de você? Quem elas são, que cor elas têm? Deus sabe o nome delas.

A SULAMITA E A POESIA DE UMA MULHER NEGRA

Paloma Santos

O Cântico dos Cânticos é uma coletânea de pequenos poemas eróticos e põe em evidência que havia, no antigo Israel, uma cultura feminina de poesias baseada em uma tradição oral. No imaginário popular, a leitura do Cântico dos Cânticos está consagrada à alegoria. Essa leitura é condicionada pelo dualismo antropológico, que contrapõe o corpo e o espírito, a terra e o céu, a mulher e o homem, o erótico e o sagrado, etc. Esse tipo de leitura espiritualiza os poemas e interpreta a amada como sendo a Igreja e o amado como Cristo. Em oposição a essa corrente, temos a Leitura Literal, ou Natural, que entende que há no Cântico dos Cânticos poemas de amor humano, leitura que permite o resgate do erotismo dos poemas.¹

[Texto 1]

“Mulheres de Jerusalém,
eu sou morena, porém sou bela,
Sou morena escura
como as barracas do deserto,
como as cortinas do palácio de Salomão.
Não fiquem me olhando assim

1 Caldeira, Cleusa. *Hermenêutica Negra Feminista: um ensaio de interpretação de Cântico dos Cânticos 1.5-6*. Revista Estudos Feministas, v.21, n. 3, 2013.

por causa da minha cor,
pois foi o sol que me queimou.
Meus irmãos ficaram zangados comigo
e me fizeram trabalhar
nas plantações de uvas.
Por isso, não tive tempo de cuidar
de mim mesma” (Cântico dos Cânticos 1: 5, 6 NTLH)

[Questões]

[O] Nos versículos 5 e 6 quem está falando? Com que outras pessoas do poema a personagem está dialogando? Qual o nome dessa mulher (versículos 13 e 14)?

[OI] Para Cleusa Caldeira “se for levar em consideração o período no qual o Cântico dos Cânticos foi editado, o pós-exílio, a autoapresentação das mulheres nos poemas, dizendo “eu” sou, toma um significado todo especial, principalmente porque, no pós-exílio (538 a.C.), a liderança nacional dizia que a mulher não era sujeito social. O seu valor estava somente no seu corpo, como corpo reprodutor e tributável.”

Em algumas outras partes do Cânticos, a Sulamita faz uma auto-apresentação. Como ela se apresenta em 2.1? Como ela se apresenta em 8.10? E como ela se apresenta em 1. 5, 6? Para você, existe alguma diferença do modo com que ela se apresenta nos textos lidos?

[OI] No versículo 5 do capítulo 1, a Sulamita afirma, na tradução lida acima, que é “morena, porém sou bela”. A presença da condição adversativa indicada pelo mas/porém causa algum estranhamento, especialmente em relação a sua cor?

[Texto 2]

“Negra eu sou e (sou) bela

Filhas de Jerusalém

Como as tendas de Quedar

Como as tendas de Salma

Não (!) vejais a que eu sou negra

Que me avistou o sol

Os filhos da minha mãe ficaram raivosos comigo

Puseram-me a guardar os vinhedos

A vinha que era minha não guardei” (traduzido da Bíblia Hebraica Stuttgartensia, BHS)²

[Questões]

[OI] Observando a tradução acima e comparando com o primeiro texto, o que mudou? Como a tradução pode influenciar na perspectiva, imagem ou leitura que temos da Sulamita? A relação entre beleza e negritude se modifica?

[OI] Sabe-se que as populações nômades ou seminômades de beduínos fa-

2 Tradução feita por Cleusa Caldeira (CALDEIRA, 2013).

ziam uso da pele de cabra preta para confeccionar suas tendas. A própria raiz [qdr], de Quedar, significa ser escuro, negro, moreno. Ambas as tribos viviam em tendas feitas de pele de cabra preta. Assim, a primeira identificação com Quedar e Salma está na imagem evocada da cor preta da pele de cabra.³

A partir do exposto é possível fazer uma relação com as auto-affirmações da Sulamita lidas nos versículos anteriores? Sendo assim, ao se comparar com as tendas, qual a primeira relação de identificação da Sulamita?

[A] Leia uma parte do comentário de Cântico dos Cânticos feito por Orígenes (185-254 d.C.):

“Negra pela ignomínia da raça, mas formosa pela penitência e pela fé [...] Negra pelo pecado, mas formosa pela penitência e fé [...] Sou negra, mas formosa: pois não fico até o fim na negridão, mas subo branqueada [...] Ela que é negra não é assim pela natureza, nem criada assim pelo Criador, mas sofreu essa situação acidentalmente [...] Assim é a situação dessa gente etíope, que tem uma natural negridão proveniente da sucessão carnal, pois nessas paragens o sol arde com mais fervor e os corpos já queimados permanecem do mesmo jeito pela sucessão do vício [...] Do contrário com a negridão da alma esta não adquire pelo nascimento mas pela negligência. A alma se tornou negra porque desceu. Mas quando começa a subir, ela se torna branca e cândida: rejeitando a negridão ela começa a irradiar a verdadeira luz.”

Leituras como esta serviram como subsídios para discursos e atitudes racistas de pessoas cristãs, além de reforçarem a perspectiva colonialista em relação ao povo negro. Em que condições o racismo, que é pecado, atinge a mulher negra a partir da leitura desse trecho do comentário?

3 (CALDEIRA, 2013).

[A] No livro de Cântico dos Cânticos temos dois pontos importantes que relacionam mulher e negritude: (i) a protagonista e principal voz dos poemas é uma mulher e (ii) uma mulher negra. Pense agora, é essa a imagem que usualmente é falada ou discutida nas igrejas ou comunidades de fé? As pessoas costumam branquificar a narrativa da Sulamita? Por quais razões, na sua opinião?

[A] A Sulamita era uma mulher negra, uma mulher preta. Sabendo que as mulheres costumam ser maioria nas comunidades cristãs e muitas delas são mulheres negras, qual o impacto de se auto-afirmar, como a Sulamita fez, num processo de identidade e mais, de se ver representada biblicamente como uma mulher bela, amada, amante e protagonista em um poema de amor pertencente ao cânon bíblico?

A RAINHA DO SUL, EM TODA SUA GLÓRIA...

Luciana Petersen

A rainha de Sabá é a primeira mulher citada como rainha na bíblia. Seu reino compreendia o que hoje conhecemos como Etiópia, atravessando o Golfo de Áden até o Yemen. Os Sabeus são um povo negro conhecido na bíblia por suas transações comerciais e exportações de ouro, prata e incenso. Sua terra é conhecida como “terra de mil fragrâncias” (Ez 27.22, Is 60.6, Jó 6.19).

A rainha de Sabá é uma mulher negra poderosa, conhecida por sua visita diplomática ao rei Salomão, levando presentes valiosos e enigmas a serem respondidos pelo sábio monarca. Mais do que curiosa pela fama de Salomão, a rainha queria conhecer o Deus que o dotava de sabedoria. Nos evangelhos, Jesus resgata sua figura como a Rainha do Sul, colocando-a na posição de juíza sobre as gerações, que condenará os que não creram Nele, Aquele que é maior que Salomão (Mt 12.42, Lc 11.31). Leia a seguir:

Texto 1:

A rainha de Sabá soube da fama que Salomão tinha alcançado, graças ao nome do Senhor, e foi a Jerusalém para pô-lo à prova com perguntas difíceis.

Quando chegou, acompanhada de uma enorme caravana, com camelos carregados de especiarias, grande quantidade de ouro e pedras preciosas, foi até Salomão e lhe fez todas as perguntas que tinha em mente.

Salomão respondeu a todas; nenhuma lhe foi tão difícil que não pudesse responder.

Vendo toda a sabedoria de Salomão, bem como o palácio que ele havia construído, o que era servido em sua mesa, o lugar de seus oficiais,

os criados e copeiros, todos uniformizados, e os holocaustos que ele fazia no templo do Senhor, ela ficou impressionada.

Disse ela então ao rei: “Tudo o que ouvi em meu país acerca de tuas realizações e de tua sabedoria era verdade.

Mas eu não acreditava no que diziam, até ver com os meus próprios olhos. Na realidade, não me contaram nem a metade; tu ultrapassas em muito o que ouvi, tanto em sabedoria como em riqueza.

Como devem ser felizes os homens da tua corte, que continuamente estão diante de ti e ouvem a tua sabedoria!

Bendito seja o Senhor, o teu Deus, que se agradou de ti e te colocou no trono de Israel. Por causa do amor eterno do Senhor para com Israel, ele te fez rei, para manter a justiça e a retidão”.

E ela deu ao rei quatro toneladas e duzentos quilos de ouro e grande quantidade de especiarias e pedras preciosas. E nunca mais foram trazidas tantas especiarias quanto as que a rainha de Sabá deu ao rei Salomão.

O rei Salomão deu à rainha de Sabá tudo o que ela desejou e pediu, além do que já lhe tinha dado por sua generosidade real. Então ela e os seus servos voltaram para o seu país.

1 Reis 10:10, 13

Texto 2:

Pois ele liberta os pobres que pedem socorro, os oprimidos que não têm quem os ajude.

Ele se compadece dos fracos e dos pobres, e os salva da morte.

Ele os resgata da opressão e da violência, pois aos seus olhos a vida deles é preciosa.

Tenha o rei vida longa! Receba ele o ouro de Sabá. Que se ore por ele continuamente, e todo o dia se invoquem bênçãos sobre ele.

Salmos 72:12-15

Texto 3:

Então alguns dos fariseus e mestres da lei lhe disseram: “Mestre, queremos ver um sinal miraculoso feito por ti”. A Rainha do Sul se levantará no Dia do Juízo com esta geração e a condenará, porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. E eis que está aqui quem é mais do que Salomão.

Mateus 12:38, 42.

[Curiosidades] A Rainha de Sabá nas diversas culturas

Relatos sobre a rainha de Sabá estão presentes em diversas tradições e culturas. Entre os etíopes ela é conhecida como Makeda, soberana fundadora de sua nação a partir de um suposto filho com Salomão, o imperador Menelik 1. Na tradição muçulmana é Bilqis, uma figura pré-islâmica, filha única de um poderoso rei; sua família é de uma linhagem considerada superior às outras dinastias da região. Bilqis teria sido rejeitada como rainha por ser mulher e descendente de uma linhagem perigosa. Ela luta para recuperar o trono, por ser a única sucessora legítima do rei, e consegue voltar ao poder. No Alcorão é relatado também um romance entre Bilqis e Salomão, que em certo momento a rejeita por causa de suas pernas peludas.

[Perguntas]

Qual a motivação da visita da rainha de Sabá a Israel, em uma viagem que duraria aproximadamente 100 dias naquela época? Qual a reação dela ao conhecer Jerusalém e o reino de Salomão?

A rainha de Sabá traz diversos presentes para oferecer ao rei. Só a quantidade de ouro seria equivalente a 400 milhões de reais, em uma cotação brasileira de 2016. O que isso revela sobre seu país e seu governo?

O texto relata que a rainha levou também “perguntas difíceis” a serem respondidas por Salomão. O que seu desejo de conhecer o sábio rei e propor enigmas a ele nos diz sobre sua própria personalidade e natureza?

Qual a reação de Salomão ao receber a visita da rainha de Sabá?

No texto 3, a rainha de Sabá é colocada por Jesus na posição de juíza da geração, em resposta aos fariseus que pediam para ver um sinal miraculoso de Jesus (mesmo já tendo visto muitos). Qual o contraste proposto por Jesus no texto? Em que se diferem as motivações da rainha ao propor enigmas a Salomão e dos fariseus ao questionarem a Cristo?

A Etiópia é mencionada 45 vezes na bíblia. Se somarmos essa quantidade com o número de vezes que o Egito é mencionado, veremos que a África é o continente mais citado na bíblia. O que isso nos diz sobre o lugar do negro na bíblia, e como deve nos influenciar na leitura das escrituras?

Pensando nas representações de personagens cristãos que você já viu (imagens, filmes, obras de arte, revistas de educação cristã), quantos desses personagens eram negros ou negras? Que posição ocupam os negros e negras nas comunidades religiosas cristãs atualmente?

No versículo 9, a rainha louva a Deus pelo governo de Israel. Diz ainda que o Senhor colocou Salomão como rei “para manter a justiça e a retidão”. Você tem aceitado o desafio da rainha de Sabá, lutando pela justiça nos lugares onde foi colocado?

O que a rainha negra, juíza da geração, diria sobre suas condutas a respeito das questões raciais na sua universidade, espaços de fé, redes sociais (!), e outros meios onde convive?

“Príncipes virão do Egito; a Etiópia cedo estenderá para Deus as suas mãos.” Sl 68:31

SEMANA DA NEGRITUDE 2016 / 2017 / 2018 / 2019

MOTIVOS DE ORAÇÃO

1

Violência contra a mulher negra: De acordo com o Mapa da Violência 2015, os homicídios de mulheres negras aumentaram 54% em dez anos no Brasil. No mesmo período, o número de homicídios de mulheres brancas caiu 9,8%.

2

Violência obstétrica: Mulheres negras representam 65,9% das vítimas de violência obstétrica, e 53,6% das vítimas de mortalidade materna. 9 a cada 10 casos de mortalidade materna poderiam ser evitados se a mulher negra recebesse atendimento básico adequado ao apresentar as primeiras complicações.

3

Mulheres em situação penitenciária: Estudo realizado pelo Departamento Penitenciário Nacional (Depen), em 2014, mostra que 68% da população das penitenciárias femininas do País são mulheres negras, contra 31% de mulheres brancas e 1% de indígenas.

Assédio sexual e hiperssexualização: A Imagem frequente da mulher negra como objeto sexual e de consumo faz com que elas representem maior incidência em casos de tráfico de mulheres e exploração sexual de crianças e adolescentes.

4

Escolarização da mulher negra: O percentual de mulheres negras no ensino superior cresceu nos últimos anos. Em 2003, as mulheres negras representavam 15% do total de matriculadas e subiu para 21% nos últimos 10 anos. (Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Brasília: Ipea, 2013)

5

Racismo na igreja: Apesar das igrejas cristãs brasileiras refletirem o fato do Brasil ser um país negro, muitas instituições insistem em negar o pecado do racismo. Racismo é pecado e crime e deve ser combatido por todas as mulheres cristãs, negras ou brancas.

6

FÊ E NEGRITUDE

PODCAST GRAVADO COM
LILIAN E LAYANE SOARES

Essa é uma transcrição do podcast gravado para a Semana da Negritude do Projeto Redomas - 2016. Ouça no nosso site:

www.projetoedomas.wordpress.com/redomascast

Sejam bem vindos e bem vindas a mais um RedomasCast, este espaço pra tratar sobre assuntos femininos não só para as mulheres, mas para os homens também, por que não? Nessa reflexão sobre a consciência negra, Luciana Santos e Luciana Petersen receberam a visita das irmãs Lilian e Layane Soares e Layane Soares na gravação de um RedomasCast especial, sobre um tema que tem tudo a ver com o mês e com a gente: Fé e Negritude.

Luciana Santos: Acho que o grande público veio a conhecer vocês agora a pouco, e todo mundo já sabe mais ou menos quem são vocês, mas gostaria que vocês falassem um pouco sobre vocês.

Lilian Soares: Meu nome é Lilian, o pessoal me chama de Lio. Eu moro em Curitiba atualmente. Estou fazendo Letras há muitos anos (acredito que um dia, talvez, eu me forme). O pessoal me conhece da Simonami, uma banda que a gente teve por 5 anos. E agora eu e a minha irmã aparecemos na televisão, no The Voice Brasil. É isso, eu sou basicamente cantora. Meu nome é Lilian e eu sou cantora.

Layane Soares: Eu sou a Layane, mais conhecida como Lay. Eu moro em Londrina, tenho 23 anos. Estou no último ano da faculdade de Psicologia (que está muito difícil de acabar porque estou vivendo minha segunda greve; uma greve muito bem merecida, necessária, porém triste). Acho que todo mundo também me conhece por causa da Simonami. Minha vida tem sido essa. Durante 5 anos eu estudo, canto.

Luciana Santos: Atualmente vocês não vivem de música, ainda atuam em outras atividades. A música tem se tornado, ou vai se tornar uma atividade full time de vocês. Pelo que podemos perceber, vocês estão trabalhando para isso, certo?

Lilian Soares: Sim, passou um anjinho falando amém agora, então vai acontecer (risos).

Layane Soares: Esse ano realmente a gente caiu em si. Uma vez a Lilian me ligou e a gente teve uma longa conversa sobre como a gente sempre deixou a música em segundo plano porque tem medo de morrer de fome, de não pagar as contas. Mas a gente percebeu que é um trabalho, e que a gente não tinha se dado conta disso ainda. A gente compõe, escreve, canta, mostra nosso trabalho. Acho que agora chegou o momento de priorizar essa área da nossa vida. Então, se alguém perguntar, ou se eu for preencher minha profissão em algum papel, eu posso escrever que sou cantora e compositora, não sou só estudante.

Luciana Petersen: Como mulheres negras, nós não “nascemos” negras. A sociedade impõe algumas coisas para nós, e a gente vem a descobrir que é negra depois de algum tempo, às vezes com algum marco ou alguma coisa que acontece. Para vocês, como foi esse processo de descoberta da negritude?

Layane Soares: Eu descobri muito recentemente que sou negra. Foi um processo. Eu, como muitas outras negras, não sabia o que eu era. Eu alisava meu cabelo e queria ser, sei lá, japonesa. Passei minha adolescência inteira alisando meu cabelo, e quando não alisava deixava ele preso. Eu não sabia que forma ele tinha, nem que identidade eu tinha. Eu só sabia que na minha certidão de nascimento eu era parda. No segundo ano da faculdade eu sofri uma desilusão amorosa e resolvi mudar (risos). Falei “eu cansei”, fiz minha

primeira tatuagem, e resolvi fazer a transição do meu cabelo. Deixei crescer, ia alisando de vez em quando, passando só chapinha e fui descobrindo a forma do meu cabelo. Eu não sabia nada sobre ser negra, eu não sabia nada de nada, só sabia que estava deixando meu cabelo natural. Foi engraçado, as coisas aconteceram em tempos diferentes e eu só percebi depois.

Eu passei por cotas na universidade, coloquei que eu estudei em escola pública e que eu era parda, e parda entra nas cotas. Por eu ter passado por cotas, tem uma reunião que acontece antes das aulas começarem. Eu cheguei nessa reunião e tinha uma mulher negra, maravilhosa, com lenço na cabeça e tal. Ela chegou, sentou, e tinham várias pessoas, gente de tudo quanto é cor. Aí eu ouvi um longo discurso dessa mulher me dizendo que eu não era negra, e que eu não era parda. Eu não tava entendendo nada, absolutamente nada. Ela contou um pouco da história dela, dos antepassados dela, de quanto ela sofreu. Eu tava morrendo de vergonha, porque pela primeira vez na vida eu não sabia o que eu era. Ela apontou para cada um lá falando “você não é parda”, “você não é negra”, e eu com vontade de chorar. No finalzinho eu falei “moça, você me perdoe, mas como assim? Então o que eu sou, se na minha certidão de nascimento está escrito ‘parda’? Se eu não sou parda, o que eu vou dizer para as pessoas que são brancas, ou japonesas, ou para as pessoas que pertencem a alguma coisa?” - Naquele momento eu achava que eu tinha que pertencer a alguma coisa. - Eu fiquei muito chateada. Enfim, acho que talvez ela tenha me entendido e entendido minha confusão, e graças a Deus eu fiquei (ela teria que validar que fazia sentido eu ter entrado pelas cotas). Eu passei por esse momento, mas não tinha me dado conta de que ali também tinha sido um processo de desencadear esse questionamento, essa pergunta: “eu sou o quê?”. Eu lembro que eu até postei no Facebook “gente, eu sou negra ou eu sou parda?”. Rolou uma discussão bem louca “você é negra mesmo!” e eu falei “tá, o que faz uma pessoa ser negra?”. Eu fui pesquisar, achei coisas sobre colorismo, e fui entrar nesse mundo doido. Mas entende como o processo foi longo? Isso foi antes de eu entrar na faculdade, e no segundo ano eu passei a externar isso, no sentido de ver meu cabelo, ver meus traços e começar a me identificar. Foi um processo muito

longo, e ainda continua sendo um processo de descoberta, porque eu não sou a maior entendedora disso. Por isso eu estou até com vergonha de falar aqui, não quero falar nenhuma merda. Eu sou muito nova nisso tudo, então prefiro ficar quieta e ouvir as mulheres que se descobriram há mais tempo e entendem melhor o “ser negra”, que leva em tanta coisa. Está sendo um processo muito legal, de eu descobrir também que tinha muitas posições que contrariavam quem eu sou. De atitude, de falas, de me privar de algumas coisas, de mudar algumas coisas em mim. Coisas que (talvez esse termo esteja errado) me embranqueciam, me tornavam menos negra.

Lilian Soares: Quando a gente era criança, eu entendia que existia gente bonita e gente feia. E eu pensava: “tem gente bonita, gente feia, gente simpática, gente chata...”. E eu era a simpática feia. Eu era feia por uma coisa muito específica, que era o meu cabelo. Não existia cabelo crespo, existia cabelo feio. Esse conceito do “eu sou negra e meu cabelo é crespo” é muito novo. E acho que não só para a gente, mas é novo em classificações estéticas.

Dentro dessa onda do ser negra e crespa ainda tem a questão do “frizz”. Não é frizz, é meu cabelo! Não vou entuchar de creme e fazer fitagem. Negro não é cor, eu entendi isso esses tempos. Eu não sei direito ainda o que é. Parece, até então, que é origem; é de onde eu vim, e que preço eu paguei. Tem mais a ver com isso que com cor de pele. Não dá para pegar uma paleta da Suvnil, colocar do meu lado para dizer o que eu sou.

Na minha certidão está escrito que eu sou branca. Eu fui ler sobre isso, e encontrei algumas coisas na internet sobre como era ofensivo para o médico na década de 80 marcar na sua certidão que você é negra. O médico, querendo te ajudar e ajudar sua mãe, mesmo sabendo que você era preto escrevia “branco”, para dar um grau, uma felicidade na sua vida. Não sei se isso é lenda, mas olha pra minha cara... e tá escrito “branca” na minha certidão, e “parda” na da Layane. Nós somos duas mulheres negras. Nosso nariz diz isso, nosso cabelo diz isso, nosso pai diz isso. Minha mãe também tem cabelo crespo, como minha avó, meus tios, mas a gente nunca conseguiu enxer-

gar isso direito, porque ela (mãe) sempre alisou. Ela parou de alisar quando eu nasci e depois quando a Lay nasceu, por causa da química. Em toda foto dela grávida ou da gente criança ela está com o cabelo bem curto, batidinho, quadradinho. Então minha mãe também não passou por esse processo de aprender a pentear nosso cabelo, não existiam esses cremes. Creme de cabelo cacheado era um creme mais forte, pra você conseguir passar o pente fino e ele ficar mais duro, tipo um gel.

Layane Soares: A mãe contava que quando ela era mais nova eles passavam gordura, banha de porco...

Lilian Soares: Esse processo de descoberta da negritude é um processo que nunca vai acabar. A gente descobre primeiro que a gente não é feia, a gente é negra, e é diferente. No Brasil (não sei como é no resto do mundo) parece que ser feia e ser negra são sinônimos. Passou essa parte que eu estabeleci isso na minha cabeça, ou fico estabelecendo diariamente, eu entendi que eu sou privilegiada em relação a outras pessoas e outras pessoas são privilegiadas em relação a mim. Então, em algum momento eu sempre vou estar a frente de alguém, porque meus pais são escolarizados, porque apesar de eu ser negra o tom da minha pele é mais claro e o colorismo, pelo menos aqui no Sul, é muito forte.

Eu sei que tem amigas minhas que são mais seguidas na farmácia do que eu. Eu só sou seguida na farmácia e no mercado quando estou com o Jean [esposo da Lilian Soares], e dependendo da roupa que eu visto. Tem amigas minhas que, não importa, elas podem estar fantasiadas de rainha Elizabeth que vão ser perseguidas, mesmo sendo mulheres, porque o tom da pele é mais escuro, porque o cacho é mais fechado. Muitos problemas de ser negra na sociedade eu não vivi, foram problemas que meu pai viveu por mim, e deu um jeito de resolver para eu não viver. Ele mudou a nossa categoria social porque foi o primeiro cara da nossa família que teve graduação. Então agora eu sou filha de um professor, não sou filha de um “nordestino qualquer”.

São todas essas dificuldades: quem sou eu em relação a outra mulher negra, quem sou eu com relação a minha mãe, quem sou eu com relação ao que o mundo diz que eu sou. É um processo lento. Eu entendi agora que eu posso usar meu cabelo como eu quiser, que não preciso ficar assistindo vídeo de fitagem, só se eu quiser. Porque rola essa outra ditadura.

Layane Soares: Sim, eu porque eu posso também, se eu quiser, alisar o meu cabelo. E isso não vai me deixar menos negra que ninguém.

Lilian Soares: Nem menos consciente de quem eu sou.

Layane Soares: Exatamente. Quando você entende isso, acho que as coisas ficam um pouco mais fáceis, no quesito de ser o que você quiser e fazer o que você quiser com o seu corpo.

Luciana Petersen: Tem uma música de vocês que diz “meus olhos dão voltas no próprio eixo e não são da cor que eu quero”. Nisso eu vejo muito a questão: por que não são da cor que eu quero? por que eu não quero olho dessa cor?

Luciana Santos: Nesse sentido, a segunda pergunta fala mais ou menos do que a gente já conversou: a sociedade já tentou embranquecer vocês em algum momento? O negro já nasce sabendo o que é racismo?

Lilian Soares: Acho que o negro já nasce sabendo o que é racismo, mas ele não sabe que é racismo. Ele já nasce sabendo que tem alguma coisa errada com ele, mas não consegue saber o que é. Racismo é crime, então ninguém fala que é racismo. O pessoal fala que é o boné, o jeito que anda, a roupa,

personalidade... “é que é o seu jeito, você é meio louquinha”. Eu não sou louquinha, eu sou preta! Preto já nasce sabendo o que é racismo sim, ele só não consegue dar nome pra isso porque ninguém assume que é racista. É muito difícil alguém dizer “eu sou racista sim, eu não gosto de preto”. Aí sim você iria entender porque a pessoa não gosta de você. Teve várias situações que depois de adulta eu entendi que não era porque a pessoa me achava chata, porque eu era gorda ou porque eu era feia. E sim porque eu era negra.

Layane Soares: E isso é tão claro... depois que você começa a ver e perceber as coisas, eu olho para minha infância e vejo que realmente tinha alguma coisa errada comigo. Quando diziam “Ah, você não vai fazer par com fulano, a menina loirinha de olho azul vai fazer o papel principal”, essas coisas nada a ver. Ou quando os garotos vinham com o celular com anteninha de TV e enfiavam no meu cabelo para ver se pegava, ou quando falavam que meu cabelo era de bombril. Ninguém chegava pra mim e falava “você é negra” ou “você é pretinha”. Não era escrachado. Era uma coisa mais: “Você é feia” “Por quê?” “Sei lá. Você é feia”

Lilian Soares: Eu to muito feliz de conversar com vocês sobre esse negócio da sociedade embranquecer a gente, porque talvez seja um jeito de eu dormir em paz hoje. A gente apareceu na televisão, uma vez [até a data de gravação do podcast], em um canal poderoso, que todo brasileiro médio assiste. Essas pessoas notaram nossa existência, e eu fiquei muito feliz com isso, porque elas homologaram a gente como cantoras, e quando elas disseram “essas duas irmãs são cantoras” isso ganhou mais força dentro de nós. As pessoas começaram a procurar a gente nas redes sociais e nos adicionar. E eu pensei: poxa, eu vou aceitar todo mundo, que coisa boa essas pessoas querendo dar carinho pra gente, dizer o quanto elas gostaram da música, e é uma música muito emocionante, foi uma apresentação emocionante. Então eu comecei a aceitar as pessoas, e reparei que quando eu entrava na rede social tinha muita postagem racista e eu não tinha amigos assim. E eu percebi como eu tava em uma bolha, e como o brasileiro médio é racista; mas não comigo, porque

eu não sou preta, eu sou cantora. <ironia>

Então aquela pessoa que odeia gente negra, que diz que quando a gente luta pelos nossos direitos a gente tá de “mimimi”, que não entende o que foi o processo de escravidão, não entende o que é ser negro na sociedade, não entende que eu sou seguida na farmácia e ele não, essa pessoa não consegue fazer essa conta. Ele acha que eu não tenho que receber nenhum tipo de direito, ele acha que a sociedade não deve nada para a mulher negra, nem para o homem negro. Mas ele me acha o máximo. Aí ele acredita que pode me adicionar, e que a partir do momento que eu apareço na televisão como uma artista eu não sou mais preta, eu sou branca.

Luciana Santos: É como se fossem duas realidades: a realidade virtual, do reality show, do programa que vocês aparecem uma vez na semana, “cantaram lindas, ai que emoção, etc.”, e a realidade do dia a dia, em que o cara pega ônibus com um cara negro e quer passar na frente, e diz “por que essa pessoa tem mais direito que eu, ou quer um direito igual ao meu, quando ele não deveria estar aqui?”. Essa é a realidade, acho que as pessoas não conseguiram compreender que vocês são pessoas, e que andam na rua como todo mundo, pegam ônibus como todo mundo. Ou não, que vocês andam por aí de limousine, têm bilhões na conta, como a galera deve achar.

Lilian Soares: É, ta aparecendo na TV, já era (risos). E é complicado: a pessoa liga a televisão, e por mais maquiada que a gente esteja, ela olha duas irmãs negras. Elas vêm duas irmãs de cabelo crespo, com nariz indígena. Aí ela olha pra si mesma e vê como ela não gosta de gente negra, e faz esse movimento de me enviar um pedido de amizade, e mandar uma mensagem de carinho. Mas aí no feed de notícias dela ela escreve “Ai, essa macacaia-da. Odeio gente negra. Pessoal folgado, querem tudo que é nosso”. Eu não entendo onde está essa lacuna, sabe? E eu acho que é isso, essa tentativa da sociedade de embranquecer o negro quando ele ta no entretenimento, aquele esteriótipo de que a mulher negra serve para transar e para entreter.

Então essas duas aqui não são sensuais, então elas estão na categoria do entretenimento.

Layane Soares: A gente sofria antes também porque a gente não se via representada em lugar nenhum. Agora a gente vê muitas mulheres negras falando, tendo voz e estando lá por nós, e conseguimos ver o caminho. Você vê uma mulher negra que conseguiu um lugar, uma posição em que ela pode falar, e mesmo assim não colocam ela como uma mulher negra, como é no nosso caso.

Também vieram muitas mulheres negras falar com a gente, sobre como elas se identificaram. Então ao mesmo tempo em que tem alguém forçando e negando isso, querendo te colocar no lugar em que você não representa nada, só uma música que tocou e transformou, existem mulheres que conseguiram enxergar alguma coisa em você, e se identificar. É uma luta muito grande.

Lilian Soares: Eu não vou falar nada diferente do que a gente sempre disse e viveu. Eu sou uma mulher, que calhou de ser negra, de nascer negra, e eu estou identificando o que isso significa pra mim. Aí tem todo um movimento que eu tenho que saber, toda uma nomenclatura, e eu não sei toda a nomenclatura. Tem muitas coisas que eu não sei e também não tenho obrigação de saber, no sentido de que se eu não souber não posso falar. Eu não posso falar o que é a vida de uma mulher negra na favela porque eu não moro na favela e não nasci lá. Eu não posso falar o que é a vida de uma mulher negra na periferia porque eu moro hoje no centro. Mas eu posso falar do que é a vida de uma mulher negra no centro, indo no shopping e a mulherada trocando a bolsa de lado. Isso eu posso falar. Eu acho que essa questão da representatividade é um processo de encorajamento bem legal, e quanto mais preta aparecer, melhor. A gente tem que falar sobre isso.

Luciana Petersen: Sobre apropriação cultural, é um tema meio polêmico. Tem gente que acha que existe, tem gente que acha que não existe. Essa questão de um branco usando um turbante, um branco usando dread, símbolos que normalmente representam alguma luta para os negros e negras. O que vocês acham sobre isso, branco pode usar dread?

Lilian Soares: Sinceramente, acho que eu tenho que ler mais sobre isso, e talvez eu mude de opinião, estou construindo ainda. Mas hoje, o que eu penso é que eu não vejo sentido em me inscrever em um clube de dança ucraniana, mesmo que seja moda, porque não faz sentido para mim. Eu não vou usar bombacha porque eu não sou gaúcha. Mesmo que seja moda “ai que coisa mais linda, agora todo mundo usa bombacha, o pessoal fica lindo de bombacha”, eu vou falar “tá bom, mas não tem nada a ver comigo”. Eu não acho que ninguém tem que ser acusado de apropriação cultural, acho pesado ir no Facebook do piá ou da menina e falar “para de usar esse turbante porque ele é meu”, mas eu não cometeria isso com outra cultura, acho que é muita coragem da pessoa.

Layane Soares: Eu não sei qual é o limite disso, porque por exemplo, em Londrina existem muitos eventos da cultura japonesa pois a imigração japonesa foi enorme. Eu já fui uma otaku, já fui a louca da cultura japonesa, porque eu queria ser japonesa do cabelo liso (risos). Eu não fui ao total extremo de me vestir e fazer cosplay porque eu tinha uma vergonha enorme, mas eu não sei o que é essa coisa de “apropriação cultural”, porque eu vejo muito brasileiro que vive a cultura japonesa de um jeito incrível, eles sabem tudo. Uma vez eu fui à um evento e tinham umas pessoas lá tocando taikô, e eu vi um garoto negro com um black enorme, maravilhoso, e ele tocando lá, bem massa. Eu não entendo o que é o limite, o que é invasão, o que é apropriação.

Lilian Soares: Acho que é um processo diferente, Lay, porque ninguém foi lá no Japão dizer que o que eles viviam não era cultura, era demônio. E

isso aconteceu com a gente. Eu acho que a gente tá vivendo um processo de resgate da nossa origem, que é um processo lento, de muita investigação histórica que ainda não terminou de acontecer. O japonês, o oriental, passa de pai para filho a cultura dele e ninguém fala que aquilo é demônio. Eu não vejo evangélico batendo na porta de budista falando “sua cultura é um lixo, você é do demônio, você tá endemoninhado”, mas eu vejo muita gente batendo na porta de terreiro e fazendo isso. Eu acho que é um processo um pouco diferente, porque alguém interrompeu o nosso passar de pai para filho.

Luciana Petersen: E quando você vê um branco de dread normalmente as pessoas acham bonitinho, estiloso. Já um preto de dread é maloqueiro, mendigo.

Lilian Soares: Você vê um preto de terno e gravata e acha que ele é da Universal, porque é impossível o cara ser advogado. Como que preto vai ser professor? Não tem como.<ironia> Se o preto tá de terno e gravata, ele tá vendendo perfume. Às vezes eu penso que a gente tá avançando tanto, mas às vezes eu penso que não. Eu não sei.

Luciana Petersen: Teve até uma Vogue que o tema foi “África”, e só tinha mulher branca de turbante.

Luciana Santos: E essa recente, da Maria Filó, uma série de estampas que era pra homenagear um artista plástico, o Debret, que fazia retratos do Brasil no século XVIII, e umas das estampas das camisas eram justamente negros fazendo trabalhos escravos, negros levando chicotadas. Isso no mês passado. Alguém viu a camisa na loja (a camisa já estava a venda!), postou nas redes sociais e foi um estardalhaço, e levou a marca a tirar a coleção de circulação, tamanha foi a repercussão. Não sei o que passa na cabeça das pessoas quando fazem esse tipo de coisa, porque é uma coisa estudada, pensada.

Layane Soares: Passou por várias mãos isso!

Lilian Soares: Como ninguém falou “ei, pessoal, não sei se vai ser bom”? De 20 pessoas na equipe ninguém falou “pessoal, sei não, eu também sou racista aqui, acho que tá tudo lindo, mas acho que não vai dar boa”.

Luciana Petersen: Às vezes tá tão entranhado que para o branco é difícil perceber que ele está sendo racista, assim como pra homem parece difícil perceber que ele tá sendo machista, quando pra gente é tão óbvio.

Lilian Soares: Eu não acho que todo racista é vilão, e que existem monstros. Tem um problema social aí, uma coisa colada que a gente tem que descolar. É um processo lento e devagar. Eu ainda falo que eu quero “esclarecer” as coisas, eu falo que alguém tá tentando “denegrir” a minha imagem. Eu sou toda denegrada, gente, porque eu sou negra. E que bom que eu sou denegrada, quero ficar denegrada para sempre, e não quero esclarecer nada. A mulher que quis jogar piolho no meu cabelo, ela não me odeia e odeia todo negro. Ela pensa “eu gosto tanto dessa menina, mas esse cabelo dela tá tão bagunçado, eu queria tanto arrumar”. Porque ela parou lá atrás naquele lugar do feio/bonito, que bonito é liso e feio é crespo. Não é porque ela me odeia e quer que todos os pretos morram. Essa pessoa que vê uma menina de cabelo crespo e outra de cabelo liso e acha uma feia outra bonita, nem ela sabe dizer direito o que é.

Luciana Petersen: E é desgastante pra gente ficar apontando às vezes.

Lilian Soares: É. Machuca.

Luciana Santos: Passando um pouco agora para o campo da fé, como funciona para vocês o processo de afirmação da negritude dentro dos espaços de fé?

Lilian Soares: Acho que não funciona. Acho que a Igreja não entendeu nem que tem mulher dentro. Sinceramente, eu sou péssima para dizer isso agora porque estou em um momento de tanta decepção, me olhando como igreja e vendo o quanto eu já bati palma para homem falando machismo no púlpito. Não consegui nem me entender ainda. Tem um problema muito sério dentro do cristianismo com relação à mulher, quanto mais quanto ao negro. Negro não existe, não existe preto na igreja, não existe esse problema na igreja, porque na igreja todo mundo é igual, não é maravilhoso? <ironia> Mas não é igual porque a igreja viveu um processo de compreender quem é quem, mas porque alguém botou um adesivo assim: “Não vamos falar sobre nada que não seja espiritualidades” e falar em línguas. Esse espaço, esse processo, ele não existe, e tá muito distante de existir.

Eu estava frequentando uma igreja muito legal, que eu amava demais, mas eu fiquei cansada e fui embora. No último domingo que eu fui, eu falei “eu vou dar mais uma chance, eu vou tentar, vou lá e vai dar certo, vou conseguir”. Aí um amigo meu foi falar sobre ser negro na igreja, eu achei uma coisa muito boa, nem acreditei. Quando cheguei lá foi uma palestra mais histórica, uma coisa mais teórica. Nós éramos os únicos pretos da igreja: o menino que ia falar, eu, o meu marido e mais uma guria. Eu amo muito esse piá, ele estudou muito para falar, e deu uma palestra histórica. Depois sempre tem um momento que o pessoal fala, e nesse dia foi só branco falando sobre ser negro, só branco levantando a mão. Uma menina falou sobre racismo inverso e eu falei “tá bom, Senhor Deus, eu entendi que não é pra ficar mais aqui”. Eu fiquei triste porque esse esse espaço não existe nem na igreja mais alternativex, modernex, prafrentex. Não existe.

Layane Soares: Eu concordo completamente, e até então não tinha parado para pensar nisso porque eu vou na igreja toda a semana. Mas acho que uma das coisas que é muito ruim é que na igreja sempre tem alguém pra falar por

você. Alguém que não sabe nada sobre você, que acha que é bonito tomar as suas dores, mas no discurso. Ela vê alguém, e fala sobre uma coisa que ela não vive, que ela deduziu que você vive. É muito errado. Eu já passei muito por isso, e ainda passo. Eu concordo muito com as pessoas. Eu vou ouvindo elas falando e vou falando “verdade, verdade...” e aí eu paro e penso “Mas pera! Você tá falando por mim! Eu devia estar falando, eu vivo isso aí! Eu sei disso aí, pelo menos um pouco”. Na igreja tem muito disso em todos os aspectos, no sentido de “Eu sei o que você tá vivendo”, “Você tá em pecado”. É alguém me acusando e alguém me salvando. E não é Deus, é a pessoa.

Luciana Santos: Além do que vocês comentaram, de que realmente não existe essa questão da afirmação da negritude, coisa que eu concordo muito, tem uma questão que a gente já comentou antes, que é questão da cultura negra ser considerada cultura do diabo, do demônio. E quando a gente tenta trazer um pouco da cultura negra para o espaço de fé, não é visto com bons olhos, o pessoal já coloca um freio. A questão do turbante, do dread, do empoderamento negro, deixar o cabelo do jeito que é. Pelo menos pelo que eu vejo, ainda não é bem aceito pela igreja.

Lilian Soares: Mas de jeito nenhum, porque a gente fica parecido com aquele pessoal do candomblé, meu Deus, que é do demônio! <ironia> E é triste porque eu vejo o pessoal do movimento negro olhar para mim e falar: “o que você tá fazendo numa igreja evangélica? Nunca vi ninguém matar mais preto do que o cristão.” E eu fico triste pra caramba porque: como que Jesus não era preto, no meio do oriente médio? Eu não sei se tem uma religião que era pra ser mais negra do que o cristianismo. Eu não sei o que aconteceu no meio do caminho, e como a igreja cristã não tá cheia de preto, de gay, de mulher. Eu não consigo entender. Eu leio o novo testamento e vejo uma igreja que era pra estar cheia de pobre, favelado, gente porca, nojenta, gente de rua, eu. Era pra estar cheia de gente que nem eu.

Luciana Petersen: Quando preto vai pra igreja ele é muito embranquecido também, botam um terno nele e é a roupa que ele tem que vestir. Se ele quer tocar samba também não pode, porque é música do demônio. Tem que tocar versão do Hillsong em português.

Lilian Soares: Exatamente, é muito triste. O cristianismo é branco, o cristianismo virou branco, porque não era pra ser branco. Me desculpa, mas historicamente não tem condições de Jesus ser branco. Eu acho que o cristianismo tinha que ser a religião mais preta, mas deu algo errado no meio do caminho, não sei direito o quê. E também acho isso, que a igreja é o maior ambiente para desencadear processos de empoderamento e representatividade. E ainda que não houvesse nenhum tipo de questão com relação à mulher, ao gay e ao negro, a gente ainda teria um processo sério porque nossa fé é baseada em um livro de literatura e a gente não sabe ler.

Luciana Petersen: A bíblia é cheia de personagens negros e negras, e muitas vezes a gente não sabe disso porque não contaram pra gente, ou porque a gente leu errado, ou porque a tradução é ruim. Como vocês enxergam a questão da representatividade da mulher negra na bíblia? Vocês conhecem alguma história de mulher negra? Por exemplo, Cantares 1.5 tem um texto que fala “Eu sou negra, e sou formosa”

Layane Soares: Caraca, tem?

Lilian Soares: Tô em choque.

Luciana Petersen: E na maioria das traduções normalmente fica “eu sou morena, mas sou formosa”.

Lilian Soares: (risos) eu já comprei tanta briga na internet por causa desses “mas” depois de um “eu sou negro”.

Luciana Petersen: Sim, e é muito questão de tradução, porque pelo original seria muito mais normal colocar um “e”. E aí, o que vocês acham?

Layane Soares: Toda vez que me contavam alguma história que envolvia mulher na bíblia eu imaginava elas brancas. Eu nunca parei para pensar na mulher negra dentro da bíblia, eu não sei porque isso. Quer dizer, eu sei porque (risos). Ou então era aquela mulher que tinha os cabelos negros, ondulados e compridos, mas que no fundo era branca. Não sei, ninguém nunca me contou uma história e contou os traços da mulher e descreveu os traços da mulher, e como ela era. A gente aprendia as histórias básicas da bíblia, que geralmente eram com homens; e as que eram com mulheres, como Ester, Rute, que pra mim sempre foram brancas ou aquelas queimadinhas de sol, pronto. Eu nunca me vi na bíblia, isso eu posso afirmar.

Lilian Soares: Eu também não me encontro na bíblia não, nunca imaginei que essa mulherada, que eu sei que existe, pudessem ser pretas. Faz todo sentido, porque quase todas as histórias da bíblia se passaram no Oriente Médio, e lá não tem japonesa, nem alemã.

Layane Soares: Desde a história de Adão e Eva, não tem a gente ali.

Luciana Petersen: E pior que tem, eu tava planejando a semana da negritude do Redomas e fiquei impressionada de quanta mulher negra tem na bíblia e não contaram pra gente. Por exemplo, Agar, aquela do Abraão, que foi meio que desprezada, e de repente Deus dá uma promessa pra ela que é comparável com a de Abraão. E se você parar para pensar, tem muita coisa na

bíblia que se passa no Egito, África. A rainha de Sabá também, maravilhosa.

Luciana Santos: E o Egito não é igual na novela da Record, vale ressaltar.

Luciana Petersen: Exato, que só tem brancos. Ainda sobre a Rainha de Sabá, tem um texto em Mateus (Mt 12.42) que fala que ela vai estar ao lado de Jesus julgando os povos. Imagina, uma preta ao lado de Jesus julgando os povos.

Lilian Soares: Faz todo sentido pra mim.

Luciana Santos: E essa que você falou também, do Cântico dos Cânticos, sensacional, tô lendo aqui, nunca tinha reparado.

Luciana Petersen: Acho que falta a gente resgatar essas mulheres. A gente segue reproduzindo, dando aula na EBD e não falando sobre elas. Esses dias eu fui dar aula na classe infantil e eu falei sobre Lídia, que ela era vendedora de púrpura, que era tipo uma empresária. Depois teve a sessão de perguntinhas, e eu perguntei “qual era a profissão da Lídia?” e elas “empresária!!!”.

Luciana Santos: (risos) Sensacional. E a gente tem que começar desconstruindo as revistinhas da EBD, as revistas de fato da classe infantil.

Lilian Soares: Só gente brancaaaa em todos os lugares.

Luciana Petersen: Aquele menininho loiro de olho azul no colo de Jesus, e “vinde a mim os pequeninos”.

Lilian Soares: Ai gente, que dia, que época.

Luciana Petersen: Qual vocês acham que é o papel das comunidades cristãs no processo de empoderamento da mulher negra?

Layane Soares: Uma coisa que a gente sempre fala é que a igreja teve um papel importante pra gente no sentido de ser o ambiente em que a gente podia experimentar. A gente fala isso quando fala de música, por exemplo. Eu descobri que tinha uma voz porque me deixaram cantar lá. Aprendi a interpretar algumas coisas por causa da EBD, a gente aprendia algumas coisas da história. Querendo ou não, a igreja foi um espaço em que eu podia experimentar algumas coisas. Então eu acho que um dos papéis das comunidades cristãs seria esse de dar espaço, não precisa de muita coisa. Dar espaço no sentido de instigar, não simplesmente largar todo mundo lá e “vai aí”. Eu acho que um papel legal seria dar espaço para a mulher se descobrir mulher, se descobrir negra. Por exemplo, aconteceu que eu me descobri vivendo uma vida de estudante na faculdade, e eu poderia ter me descoberto vivendo uma vida na igreja, ou em um espaço que me desse essa liberdade, de eu poder falar sobre isso e não me sentir envergonhada de perguntar sobre isso ou envergonhada de levantar minha mão e falar sobre isso. Eu sei que eu tive muita vergonha, e ainda tenho, de falar e de perguntar coisas nesse espaço, numa comunidade cristã. Acho que isso também deve ter acontecido com nosso amigo, quando ele foi falar sobre ser negro. De ter vergonha de não levar um argumento melhor, e aí ele se preparou pra caramba quando ele só precisava falar do que ele vivia.

Lilian Soares: Essa coisa da vergonha é muito real, hoje eu tava olhando a internet, as publicações das pessoas novas que eu adicionei, e uma das publicações mais racistas que eu li partiu do perfil de um cara negro. E eu coloquei em questão e falei “cara, não sei se você sabe, mas isso dá cadeia,

é crime. Racismo é crime”. Ele falava que é negro com muito orgulho, mas não ficava de mimimi. Talvez a gente que é negro tenha vergonha de assumir que existe sim um prejuízo social, e eu não quero que ninguém me pague de volta. Teve uma menina branca nesse dia do culto que falou “como a gente vai resolver essa questão do negro?”. Eu falei “minha flor você não precisa fazer nada, só sai. Sai de cena, deixa eu ser eu.

Layane Soares: Isso! É a gente ocupar os lugares que são nossos também. Isso também tem a ver com o negócio da igreja falar por mim, tomar minha dor. E aí eu fico envergonhada de falar sobre a coisa que eu sei, falar sobre o que eu vivo e colocar minhas dúvidas também, como mulher e como mulher negra. Na igreja, em algumas coisas, eu aprendi a deixar a vergonha de lado. Então por que não também nisso? De perder a vergonha de falar também de algumas coisas. Eu tenho vergonha só pela maneira das pessoas me olhar em se eu perguntar alguma coisa sobre ser mulher e ser negra. Porque ou elas vão me olhar e falar “nossa, mas você não sabe disso??”, ou vão falar “Por que você tá perguntando isso? Não faz sentido”.

Lilian Soares: Acho que essas pessoas que falam que o negro fica de mimimi e são negras também, tem vergonha de se colocar no lugar de vítima. A gente não é vítima, não é vitimismo. Eu tenho a sensação de que a gente tem vergonha de falar: um dia alguém da minha família tinha uma terra. Alguém de outra família pegou um barco, foi até essa terra e falou “vem aqui que eu vou te sequestrar”. Sequestraram alguém da minha família há pouco tempo atrás (porque 500 anos não é nada em uma linha histórica). Enquanto parte da minha família estava sendo sequestrada, outra família estava em outro lugar plantando sua fazenda, e a história dessa família não foi interrompida com nenhum tipo de sequestro, nem estupro, nem nada do gênero. Na minha isso aconteceu. Eu não acho que meu vizinho me deve alguma coisa por isso. Mas eu acho que ele tem que sair do meu caminho porque eu preciso resolver essa situação da minha família. Eu não sou vítima de ninguém, eu não quero chorar pra ninguém e não quero que ninguém faça

nada por mim. Inclusive, quero que as pessoas parem de fazer coisas por mim, porque o grande problema é esse. Só saia da minha frente que eu vou resolver um problema da minha família. Do pai do pai do pai do pai do meu pai. Eu vou resolver isso pra minha história que passou e pela que vai vir. Você, mulher negra, não tenha medo de perguntar alguma coisa pra outras mulheres ou pra outras pessoas. Você não tá sendo vítima, não tá chorando, não tá pedindo nada pra ninguém. Você está pegando o que é seu. Eu sinto que esse menino que publicou sobre o mimimi tem medo do que os amigos dele vão pensar dele, de ser colocado no lugar de frágil quando na verdade ele tem que ser forte, por todo aquele discurso da meritocracia. Eu não preciso de ajuda, eu só preciso que vocês saiam da minha frente. Eu não preciso de ninguém falando por mim, ninguém fazendo nada por mim. A igreja não entrando no caminho já tá ótimo, parando de atrapalhar. Eu não acho que as comunidades cristãs tenham que fazer alguma coisa, acho que elas têm que parar de fazer coisas por mim.

Luciana Petersen: Eu tava conversando com uma amiga outro dia sobre as comunidades pentecostais, e como elas chegam em lugares que às vezes as mais tradicionais não chegam. Você vai no topo da favela e lá tem uma igreja pentecostal. E como nessas comunidades as mulheres tem um papel de força, aquele negócio de dar uma oportunidade para a irmã. Eu acho que isso é empoderamento também, às vezes a mulher tá com a vida toda ferrada, o filho vendendo droga ou que morreu atirado pela polícia, ela tá sofrendo violência, às vezes apanha do marido, mas ali ela tem a oportunidade de falar com Cristo, adorar a Deus.

Lilian Soares: E ali ela é portadora de algum poder diferente dos outros, e isso é muito legal. “A irmã fulana tem uma revelação, e ela é a irmã da intercessão porque ela é poderosa, a voz dela é poderosa quando ela ora”. Isso é muito didático.

Lilian Soares: Eu escolhi o Brown porque ele é preto.

Layane Soares: A gente sempre fala que foi porque o santo bateu e tal, mas é porque ele é preto.

Lilian Soares: Eu escolhi o Carlinhos porque ele já se fudeu muito. Vocês lembram daquele Rock in Rio que o pessoal ficou jogando garrafa nele e ele continuou o show? A gente ama os tribalistas.

Luciana Santos: Ajayo!

Lilian Soares: É tão gostoso a gente não ter mais medo disso, eu fico imaginando a gente ouvindo ele falar Ajayo há 10 anos atrás. Eu ia ficar com medo de pegar alguma coisa e ir correndo fazer oração depois. Agora toda vez que ele fala Ajayo eu fico feliz, e digo: que bom. Que bom que eu posso gritar Ajayo também, sem medo do meu Deus ficar com ciúme, de eu ter que lavar minha boca depois. Que alívio!

Luciana Santos: Meninas, foi um prazer ter vocês hoje conversando com a gente. Muito obrigada pela disponibilidade, a gente sabe que vocês estão agora bem corridas. Obrigada por toparem conversar com a gente sobre esse tema tão relevante e tão em construção ainda.

Lilian Soares: Eu to muito feliz, muito honrada. Vocês que ouviram e tem contribuições para fazer, coisas que a gente precisa ler, nós estamos nesse momento. Por favor, vamos trocar, dividir, a gente tá crescendo.

Layane Soares: Também tô muito feliz, porque conversa é sempre muito bem vinda, e quando a gente conversa a gente se ouve, e a gente não chega a conclucLuciana Santosão, o que é mais legal. A gente discute e chega a algu-

mas reflexões, e é uma coisa sempre em construção. Muitíssimo obrigada por essa oportunidade.

Lilian Soares: Eu que agradeço, acho que hoje eu vou dormir em paz. Redomas, né.

Luciana Santos: E Ajayo!

Lilian Soares e Layane Soares: Ajayo!

